

A minha morte na América

O sofrimento da reencarnação à luz
de *Um Curso em Milagres*®

Um enigma do destino segundo
um acontecimento verídico

Reinhard Lier

Hermann Hesse
Der
Steppenwolf



Urteil

zum
ewigen
LEBEN

LEBEN!

LEBEN!

EN!

Günther
1979

À guisa de introdução

Ao chegar aos 52 anos de idade, alguns acontecimentos da biografia quase já caíram no esquecimento. Obstáculos outrora dolorosos foram superados e deixaram de ser significativos para o caminho que segue.

Ainda assim, experiências autênticas podem ser úteis para outras pessoas, na medida em que conduziram a soluções benéficas. É nesse sentido que lanço o meu olhar sobre os eventos dos primeiros 26 anos da minha vida. A perspectiva ampliou-se nos 26 anos adicionais e hoje é determinada pelo treinamento mental de Um Curso em Milagres e pela terapia familiar sistêmica, a chamada constelação familiar.

A reencarnação existe? – A resposta é: sim e não. Como todas as ilusões, é apenas um sonho dentro do sonho, desprovida, portanto, de significado à luz da VERDADE suprema, do ESPÍRITO puro. Ao mesmo tempo, a reencarnação pode servir de construto no processo do despertar de todos os sonhos prazerosos e dolorosos, para retornar à PAZ DE DEUS. Nesse sentido é útil compreender os motivos do sofrimento

humano para encontrar a saída do teatro ilusório desse mundo. Tudo isso deverá ser elucidado na segunda parte deste livro.

Mas vamos primeiro à minha história já quase esquecida. Vivenciei tudo isso e acima de tudo sofri tudo isso. Passados esses primeiros 26 anos por vezes pensei: se devesse somar todos os momentos felizes, talvez não chegasse sequer a uma semana – uma semana em 26 anos. E intuo que muitas, talvez a maioria das pessoas, tenham passado por isso. Sofremos todos, em silêncio ou lamentando aos brados, e buscamos a luz da cura. Hoje vivencio essa luz no meu espírito, e fico feliz quando outras pessoas começam a vê-la no seu espírito



também. Essa luz oferece equanimidade e paz frente a um mundo que se mostra louco e sanguinário. Não preciso mais brandir uma espada e lutar num mundo que não passa de um retrato da minha mente. Se existe uma luta, ela é mental, e o campo de batalha propriamente dito é a alma do ser humano. É ali que se decide pela guerra ou pela paz. Está ali o nosso poder perene: no espírito. Porque corpos nascem e perecem: não há nada ali que permaneça.

Que esse livro possa servir à percepção da infinidade da vida, mesmo quando “a minha vida” ou “as minhas muitas vidas” ainda tenham tido por palco o plano da ilusão. Que os processos internos de cura do leitor possam ser estimulados, conduzindo a uma maior compaixão para consigo e com os outros. Porque o outro, sou eu também. Somos o FILHO DE DEUS uno, que sofre de uma fragmentação bilionária em si mesmo e no todo. Só uma coisa é fundamental: que perdoemos a nós mesmos e uns aos outros todas as ações que na verdade nunca cometemos. Não foram senão sonhos: os nossos pequenos sonhos, tolos e dolorosos. Que possamos começar a enxergar no nosso espírito a LUZ da ETERNIDADE.

Reinhard Lier

Wolfhalden, Suíça, 19 de janeiro de 2013



PRIMEIRA PARTE

Um enigma do destino segundo um acontecimento verdadeiro



Fiz outros sofrer
e sofri.

Passei por nascimento e morte.

Neguei e aceitei muitas coisas.

Combati e fui combatido,
vivi guerra e vivi paz.

Brotou daí a saudade daquilo
que dificilmente se descreve.

Alguns o chamam de paz –
ou antes: amor.

Comoções

Tenho me perguntado repetidamente se aquilo que procuro descrever a seguir corresponde realmente à verdade, ou pelo menos à verdade que vivenciei e sofri subjetivamente. Reconhecer uma verdade, um evento verdadeiro desagradável, afeta-nos, fere a alma no seu âmago mais profundo. É interessante, nesse contexto, o fenômeno da chamada *reação alérgica*. Um ser humano só reage com alergia (extravasando de maneira psicoemocional ou também repelindo fisicamente) àquilo que continua presente no seu subconsciente sob a forma de um conflito não solucionado. A reação alérgica faz tocar um ponto ferido e doloroso na alma, uma problemática do passado insinua-se em direção às camadas conscientes do Eu.

Essa conscientização da verdade do destino pessoal é um processo de sofrimento que abala duramente a alma e que a desequilibra. Foi precisamente o que vivi desde a mais tenra infância, numa intensidade tal, que essas lembranças dolorosas me conduziram a explorar minuciosamente o próprio passado. Quando contemplo retroativamente o meu caminho através de todas as vias tumultuadas do meu destino, a experiência da própria morte assume sim um papel significativo, porém reconheço-a mais e mais como simples evento na amplitude tão maior do tecido do destino. Esse morrer foi precedido de muitas coisas, e também vivi as suas conseqüências, por assim dizer, não decorrer da minha vida posterior, isto é, a atual.

A orientação sábia e sublime, que entendo ser amor divino, piedosamente proporcionou-me a visão do significado dos caminhos do meu destino, a serem narrados aqui. Agradeço ao MUNDO ESPIRITUAL por todos os auxílios.



O nascimento de Reinhard Lier

Estamos no ano de 1960. Meu pai, o farmacêutico Dr. Werner Lier, se estabeleceu numa pequena cidade da Baixa-Saxônia no ano de 1957. A sua esposa Gisela espera o seu segundo filho na primavera de 1960. Nesse ponto inicia-se portanto a minha encarnação na pessoa de Reinhard, filho do diligente farmacêutico Dr. Werner Lier.



A casa da minha infância: a farmácia do meu pai

Depois de concluir com êxito o meu ingresso num invólucro material, numa fresca manhã de maio, o início da minha trajetória foi obscurecido por um desvio de coluna, que me manteve por algum tempo engessado numa cama, uma tormenta para mim e para a minha mãe. Ela acabou por libertar-me do colete, numa ação arriscada e intempestiva, seguida de exercícios físicos regulares que levaram a uma rápida melhora.



Com os meus pais, agosto de 1961

Em retrospecto, hoje fica evidente que os sinais de uma relação perturbada com a minha mãe e, para ser mais preciso, com o tema *mãe*, se manifestaram muito cedo. Naquela minha primeira infância eu acordava à noite com frequência, banhado em suor, perseguido por um pesadelo. Nele, eu entrava na nossa casa, e era obrigado a caminhar pelo corredor até a cozinha que se encontrava do lado direito. A parede do corredor refletia um clarão de fogo claro e vermelho vindo da cozinha. A cada vez, eu era invadido por um medo que antecipava alguma desgraça, e voltava o meu olhar para dentro da cozinha: ali, uma bruxa horrorosa se aproximava de

mim ameaçadora, brandindo um facão comprido. O forno da cozinha estava aberto, pronto a me devorar como vítima. Aquela bruxa emitia um brado que significava o fim da minha vida. Eu sempre acordava nesse ponto, atormentado pelo medo de voltar a adormecer e ter de me deparar com essa bruxa.



Meu pai, Dr. Werner Lier. Pintura a óleo de Reinhard Lier, 1980

A minha infância e adolescência foram obscurecidas por um peso estranho. Cresci em ambiente de classe média e não passei necessidade externa. Era bastante atormentado por sentimentos de inferioridade, e de alguma maneira sentia-me deslocado. Sempre que o ano terminava, na noite de Réveillon, eu mergulhava numa nuvem negra e pessimista de negatividade, tempestade que se descarregava em premonições escuras e em choro e lamentações queixosas. Eu já devia estar sentindo, naquele época, que um caminho difícil ainda estava por vir, ao longo do qual muitas doenças físicas e batalhas psíquicas estavam à minha espera. Por volta dos três anos de idade fui vítima de uma internação hospitalar de vários dias, e até hoje ouço-me chorar e gritar, quando os meus pais me deixaram

sozinho no berço. A porta do quarto fechou-se, privando-me da proteção dos meus pais. Todo um universo intacto de confiança original ruiu. Para mim era impensável ser abandonado. Experimentei uma impotência esmagadora, uma sensação de estar inteiramente à mercê de estranhos.

A partir do sexto ano de vida passei a sofrer de rinite alérgica durante o verão, e permanecia a maior parte do tempo num quarto escurecido e fresco, ou passava as férias junto ao Mar do Leste, o que trazia alívio evidente. Nessa época comecei a comentar com os meus pais que algum dia visitaria a América. Mas eles não levavam as minhas afirmações muito a sério.

Meu pai costumava formar jovens na sua farmácia. Quando eu tinha seis anos, um jovem chamado Anton Eichenfeld candidatou-se a uma vaga



Anton na farmácia, 1966

de estagiário. Eu tinha contato com ele de vez em quando, durante o horário de almoço, e íamos até o posto de gasolina no seu carro. Anton ainda morava com a sua avó na mesma cidade em que eu vivia com a minha família. O seu pai perecera nos últimos dias da guerra e a sua mãe emigrara para a América no final da década dos quarenta.



Meu pai e Anton numa festa de Carnaval, 1966

Nesse ínterim, Anton Eichenfeld formou-se

como farmacêutico e escrevia a sua tese de doutorado. Pouco antes do Natal de 1973, num domingo pela manhã, ele nos visitou. Continuo vendo com precisão essas cenas memoráveis: Anton era muito pessimista, de índole negativa, o que fazia transparecer claramente no diálogo com a minha mãe. Ele devia estar em profundo desespero. Hoje enxergo claramente o quanto essa conversa foi um derradeiro pedido de socorro dele. Mais tarde soubemos que já vinha sendo dependente de drogas há muito tempo. Também conversei com ele naquele dia e ele me contou sobre a sua mãe na América, que possuía ali uma fazenda com cavalos e muitos outros animais. Os seus relatos muito me comoveram, e eu me perguntava por que motivo ele não estava na América com a sua mãe. Lembro muito bem o quanto desejara estar no seu lugar ao ouvir as suas descrições, e ter uma mãe vivendo na América numa fazenda com animais. Eu estava muito impressionado e invejava Anton um pouco.

Na primavera de 1974 algo terrível aconteceu: Anton Eichenfeld suicidou-se. Ainda lembro do dia em que três senhores da Universidade vieram à farmácia do meu pai na hora do almoço para comunicar a triste notícia. Em seguida avisaram os seus avós, e os meus pais tentaram contato telefônico com a mãe de Anton na América. A comunicação a longa distância era ruim. Ainda hoje ouço a minha mãe gritando a frase *Anton is dead* (Anton está morto) no telefone. Aquilo nos atingiu duramente: o jovem farmacêutico de sucesso que preparava a sua tese de doutorado dera cabo da sua vida por uma relação amorosa infeliz. Mais tarde, a sua namorada relatou que Anton havia ameaçado suicidar-se caso ela o abandonasse.

O encontro

Foi então que os acontecimentos se precipitaram para mim: a mãe de Anton, Margarete Miller, veio da América para a Alemanha com o segundo marido John, para sepultar o seu filho. A partir do momento em que a vi pela primeira vez, fui dominado por um só pensamento e desejo: *Ah, se fosse ela a minha mãe!* Era uma atração mágica mútua. Para Margarete tornei-me de certa maneira um filho substituto. Ela e o seu marido John tornaram-se meus pais eletivos. Junto com eles vivi um tempo maravilhoso, que me sensibilizava de forma singular, como num sonho. Margarete quis fazer-me herdeiro da sua fazenda e insistiu para que eu os visitasse na América, se possível muito em breve. Como eu só tinha 14 anos, meus pais quiseram aguardar que eu completasse 16, antes de autorizar a minha viagem.



Encontro mágico, no balcão da minha casa paterna

No ano de 1975 Margarete retornou à Alemanha para visitar a sogra e passamos muito tempo juntos. Ela falava da América, da fazenda e dos animais. Nós dois amávamos muito os cavalos e a vida no campo, e eu mesmo havia começado a montar aos dez anos de idade. Solicitei o envio da documentação de emigração junto ao Consulado Americano em Frankfurt, para focar claramente no meu principal objetivo: uma vida na América. A partir de 1974, logo após a morte de Anton portanto, comecei a visitar quase semanalmente a sogra idosa de Margarete, onde se desenrolava um ritual estabelecido que eu antecipava ansiosamente: primeiro ouvia todas as velhas histórias



que Martha Eichenfeld repetia com regularidade. Em seguida eu lhe pedia que mostrasse a caixinha com as fotos da América, e que contasse pormenores sobre a fazenda e a vida ali, que ela mesma só conhecia através de cartas e relatos. As fotos exerciam sobre mim uma atração poderosa. Um outro mundo surgia radiante à minha frente, seduzindo-me intensamente.

As visitas noturnas de Anton

Com a morte de Anton iniciava-se para mim uma série de pesadelos esquisitos, que me acabrunharam pesadamente por muitos anos. Chamei esses fenômenos de *sonho-espiral*, já que eu me movia para cima em espiral até atingir um ponto em que a espiral se rompia e eu despencava num abismo fatal. Despertava vencido pelo sentimento de ter desperdiçado a minha vida e de ter de me suicidar. Mas mesmo em estado de vigília não conseguia livrar-me do sentimento compulsivo de que deveria matar-me com uma faca. Durante vinte a trinta minutos após esse pesadelo sentia dentro de mim o comando de finalmente dar cabo da minha vida. Aflito, eu costumava buscar abrigo na cama do meu pai, onde sempre recuperava as forças rapidamente.

Hoje fica evidente para mim o que acontecera: sendo eu uma pessoa sensível e desprotegida, a alma de Anton procurava a mim. Transferia para mim o sentimento cruel do suicídio, para conseguir algum alívio. Mas na ocasião eu não tinha clareza a respeito desse contexto. Foi somente anos mais tarde que compreendi que muitas almas no além não tem conhecimento de que morreram, por não acreditarem na continuação da vida após a morte. Sobretudo os suicidas transferem para pessoas ainda vivas o que sentiram ao dar cabo da própria vida. Acreditam poder finalmente livrar-se do seu sofrimento, se um ser humano suicidar-se por eles novamente. Durante muitos anos Anton procurou-me com regularidade, quase sempre em intervalos de duas a quatro semanas. A cada vez era aterrorizante, porque eu sentia esses pensamentos compulsivos como sendo terrivelmente reais. Era uma forma de ser conduzido por forças alheias, mas nessa época eu não possuía o conhecimento de fundo necessário para compreender.



O segundo despertar

As quatro viagens para a América

No ano de 1976 eu aguardava ardentemente a minha primeira visita à América. Havia adquirido avidamente os primeiros conhecimentos da língua inglesa, o que claramente não me exigia esforço nenhum. Entretanto, antes de partir, senti-me impelido a realizar uma espécie de ritual. Em meados do mês de maio, o mês do meu nascimento, derrubei uma bétula muito bonita que eu mesmo havia plantado. Em seguida

despedacei a árvore inteira e levei um pedaço do tronco comigo para a América, com a intenção de queimá-lo ali e misturar as cinzas no solo. Tive que fazê-lo, sem saber por quê.

Assim, viajei até Frankfurt com o meu tronco de bétula na bagagem, e de lá tomei o avião para Chicago. Cheguei em Kansas City tarde da noite. Margarete e John acolheram-me com o maior carinho. Estranhamente,



A fazenda no Kansas, aproximadamente em 1981



Margarete e John num desfile equestre

John estava bastante mudado, o que Margarete logo me contou, em alemão. Ele falava muito, ficava extremamente alegre, o que mais tarde dava lugar a uma fase depressiva. Tratava-se certamente de um distúrbio maníaco-depressivo, porque no surto da mania ele queria comprar muitas coisas para mim e presentear-me com a casa e o sítio.

Naquela noite viajamos por várias horas numa grande limusine, até alcançarmos finalmente a pequena cidade no Centro-Oeste dos Estados Unidos da América a uma hora da madrugada. Na manhã seguinte seguimos para a fazenda, e lembro de ter visto tudo com uma nitidez mágica e ao mesmo tempo irreal. Ruas, casas, árvores, postes de telegrafia, campos e animais, tudo me parecia familiar. Sentia ter chegado ao destino da minha busca, era ali que queria ficar. Foi quando aconteceu algo que me irritou profundamente: quando eu abordava temas como a morte e o além, a fé e a religião, nas conversas com Margarete, eu percebia a sua resistência, porque para ela esses assuntos não passavam de contos de fada simpáticos, pois tudo terminaria com a morte. No máximo talvez a vida dos pais se



Margarete com os cavalos



1979 no colégio em Itzehoe

prolongasse nos filhos, o que no seu caso deixava de ser uma possibilidade em razão do suicídio de Anton. Ela desprezava a minha fé em Deus e numa vida após a morte, classificando-a como maluquice sem sentido. Isso me feria profundamente e eu evitava esses assuntos na medida do possível. Ficava evidente para mim o quanto ela reagia a essas noções de maneira alérgica, e como estava amarga.

Com relação a ela eu percebia algo mais surgindo dentro de mim: sentia amor e ódio ao mesmo tempo, atração e rejeição mesclavam-se. Era óbvio que ela sentia o mesmo, pois ora elogiava-me exaltadamente, ora pisoteava-me com repetidas críticas demolidoras. Eu ficava à

mercê de sentimentos que se alternavam constantemente; ainda assim, após essa primeira visita eu quis voltar a vê-la no ano seguinte a todo custo, e ela desejava muito o mesmo. Entretanto eu sofria sob as enormes tensões na nossa relação, e no outono de 1976 comecei a comprar tintas a óleo para pintar. Nos meus quadros, buscava enfrentar as ocorrências psíquicas com os seus abismos. Eis aqui algumas das minhas pinturas que exprimem esses conteúdos psíquicos de maneira mais contundente, para retratar com nitidez os processos internos.

Aguardava ansiosamente a segunda visita e recolhi fotos, filmes e lembranças importantes para mim. Guardei essas coisas por muitos anos no cofre de um banco da minha pátria americana, porque queria assim reforçar o meu direito a estar ali nesse lugar. Além disso, antes da viagem temia que o avião caísse, que eu chegasse a ser salvo juntamente com outros passageiros, mas que a minha mala com os objetos de valor acabassem no fundo do mar. Por isso tentei acondicionar tudo à prova d'água, pois existia a possibilidade de que mais tarde esses objetos fossem



resgatados. A perda dessas recordações ameaçaria a minha identidade, essa era a minha percepção naquele momento.

A segunda visita a Margarete no ano de 1977 transcorreu de forma ainda pior. Fiquei ali por quase três meses, porque tinha conseguido a prorrogação das minhas férias em razão da mudança dos meus pais para Schleswig-Holstein. Era um

paradoxo: quando estava com ela, jurava nunca mais voltar para a América. Quando estava na Alemanha, fazia de tudo para retornar à América. Queria estudar ali, escolher uma profissão para em seguida emigrar definitivamente. À noite estudava inglês de livre e espontânea vontade, e tomava aulas complementares com um professor de inglês da Grã-Bretanha.



Sul da França em Perpignan, 1980



Durante uma das minhas visitas, após um pesadelo, senti novamente dentro de mim o comando de suicídio. Não queria nem podia contar para Margarete sobre essa tortura, e procurei a companhia do seu cachorro para me recuperar e tranquilizar. Estava claro que Anton havia me perseguido até a América, onde sempre desejara viver no meu lugar.

As minhas conversas com Margarete e John frequentemente giravam em torno do tema da *emigração*. Lembro-me de uma noite na fazenda, quando falamos sobre as condições de imigração e Margarete descreveu as dificuldades de entrar nos EUA. O mesmo acontecera com o seu filho Anton, ele quisera mudar-se para os EUA, porém teria de refazer por completo os seus estudos. Conforme fiquei sabendo mais tarde, após terminar os estudos, por causa de um relacionamento amoroso infeliz, Anton tentara dois suicídios ingerindo comprimidos, descobertos e evitados a tempo pela sua avó. Anton sofria muito com a ausência do pai e com a separação da sua mãe, a quem visitara quase anualmente na América. A cada vez, a despedida se transformava numa



tortura cruel, pois o seu desejo de ficar na América era enorme.

Eu passava por situação semelhante: estava desesperado pela dificuldade estabelecer-se na América. Naquela noite fui caminhar por um dos descampados e chorei amargamente. Aquilo atingia o meu âmagô vital, sentia-me profundamente agredido, porque reconhecia nisso também a rejeição de Margarete em relação a mim. Esses sentimentos conflituosos tinham algo de extenuante e me lançavam novamente em abismos melancólicos dos quais eu dificilmente conseguia escapar.

Por ocasião da minha renovada estadia por lá em 1979, aos 19 anos, frequentei uma escola na Virginia do Oeste, onde pretendia estudar. Ali passei por um colapso psíquico, pois uma voz interior recomendava-me deixar esse lugar com urgência. De alguma maneira, senti-me aliviado, mas ainda não desistira do meu projeto de estudar na América.

Quero ainda lembrar um fato estranho que aconteceu em duas situações de choque. Uma noite em 1979, na Alemanha, o meu carro foi abalroado por um grupo de



jovens que haviam roubado um automóvel.

Ambos os veículos tiveram de parar, e os jovens abandonaram o carro e fugiram. Tomado pela surpresa, gritei com os fugitivos em língua inglesa, e por um ou dois minutos eu só conseguia falar inglês. Isso aconteceu numa outra situação que também me abalara. De alguma maneira, camadas profundas da alma afloravam, e o Reinhard cotidiano tinha sido afastado, mas eu ainda não compreendia o significado mais profundo desses eventos.



Autorretrato, Academia de Verão de Salzburgo, 1980

A partir de 1977 fui acometido por uma grave doença de pele, que vinha acompanhada de uma coceira violenta. A pele sangrava de tanto coçar, e eu só conseguia atravessar a noite com ajuda de soníferos; num dia de inverno, aflito, fui correr descalço pelos

campos cobertos de neve. Essa enfermidade, chamada neurodermatite, lançou-me no desespero e exigiu de mim forças psíquicas extremas; no entanto, melhorava muito sempre que eu estava na América e com isso mas próximo da questão central do meu destino.

Em 1980, apesar de tudo, consegui a conclusão do ensino médio e candidatei-me ao ingresso na academia de belas artes *Rhode Island School of Design* nos Estados Unidos da América. Durante um ano trabalhei intensamente nos preparativos de admissão, até poder finalmente viajar para estudar na América em 1981. Eu havia de fato sido aceito na



Academia

de Artes de Rhode Island, um sonho havia se concretizado – que logo se transformaria num pesadelo. Nos EUA passei por sete meses e sete dias do mais intenso sofrimento psíquico. A batalha interior se aguçava. Os pensamentos de suicídio me assaltavam, e eu questionava mais e mais o meu estudo porque percebia que não era essa a minha verdadeira missão. Em outubro de 1981 ouvi dentro de mim mais uma vez a voz interior que meurgia a desligar-me da Academia imediatamente.



Vermont 1981

Significativamente recebi um sinal externo também, pois uma estudante me ofereceu um marcador de página com os dizeres, em inglês: *E ouvi a voz do SENHOR, e ELE dizia: a quem devo enviar? quem quer ser o nosso mensageiro? Eu disse porém: aqui estou; envia-me!* (Isaías 6,8)

Para mim era óbvio: eu devia e tinha de voltar para a Alemanha. Avisei meus pais por telefone e também liguei para Margarete, que me pediu enfaticamente que eu ainda viesse visita-la por algumas semanas e que eu passasse o Natal lá. Eu





Providence, R.I., 1981

tinha justamente tomado a firme resolução de não fazer isso, de não ceder, mas ela dissolveu as minhas intenções e eu viajei para vê-la no Kansas em novembro.

O que se seguiu foi a pior temporada que jamais passei junto dela. As tensões se avolumavam, e eu não enxergava o verdadeiro motivo. Ela agora residia na fazenda, mas ainda trabalhava na cidade. Eu passava os dias na companhia dos animais, mas ainda assim ficava na cama completamente exausto, pois perdia as forças continuamente. À tarde, quando Margarete voltava do trabalho, eu me refugiava nos vastos campos para não ter de encontrá-la de imediato. Armava planos de fuga para escapar desse lugar angustiante, porém o meu voo tinha data marcada e eu não dispunha de recursos

para hospedar-me em outro lugar nesse ínterim. Portanto, de certa forma eu cumpria uma pena nessa fazenda ilhada no meio da paisagem deserta. Ali padeci de muitos conflitos internos, acusações e humilhações. A amargura de Margarete e as muitas decepções e fracassos pelos quais tinha passado expressavam-se na sua negatividade esmagadora. Para mim eram tormentos imensos, aparentemente intermináveis. Porque quando retornei à Alemanha em janeiro de 1982, deparava-me com Margarete nos meus sonhos, continuando a perseguir-me. Além disso eu ouvia, em estado de vigília, uma voz telepática que me convidava a finalmente cometer suicídio.



A fazenda no Kansas, 1981

Nos primeiros meses de 1982 iniciei em Hamburgo a minha formação profissional em naturopatia. Continuava a me perguntar porque Margarete me perseguia com tanta persistência. Nesse mosaico ainda caótico faltava-me uma peça essencial. Sinais casuais surgiam aqui e lá, porém eu ainda não tirava conclusões claras. Por exemplo, apaixonei-me por uma mulher mais velha e imaginava, em fantasias carregadas de emoção, ser uma criança dentro do seu corpo e repousar ali protegido e seguro. Sinais nítidos dessa espécie surgiam diante de mim mas eu não conseguia resolver o enigma. Foi só no outono de 1982, após uma luta psíquica intensa, que escutei, com grande espanto, uma voz nítida e ouvi a resposta: *Você tem uma ligação cármica com Margarete!*



Essa frase me deixou altamente alvoroçado, e passei noites em claro refletindo sobre quem afinal eu poderia ter sido na vida de Margarete. A noção de reencarnação era-me muito familiar, e acreditei, num primeiro momento, ter sido o seu primeiro marido, Dr. Jürgen Eichenfeld. Ele havia sido convocado ao final da guerra como médico de campanha, e perdeu a vida em 1945 num combate com os americanos. Foi nessa época que Margarete Eichenfeld notou que estava grávida, dando à luz o seu filho Anton no início de 1946. Ele viveu a maior parte do tempo com os sogros de Margarete, Martha e Karl-Friedrich Eichenfeld, naquela pequena cidade da Baixa Saxônia onde meu pai se estabelecera em 1957.

Soube de mais detalhes da vida de Margarete pela minha mãe. Nos anos difíceis do pós-guerra ela teve a oportunidade de viajar para a América com uma amiga, por um período limitado. A amiga retornou logo, mas Margarete acabou ficando na América a partir do final dos anos quarenta, à busca de novas e melhores condições de vida para si e o seu filho. Enfermeira formada, logo conseguiu um emprego numa pequena cidade do Estado de Kansas. Pretendia buscar o filho Anton tão logo fosse possível, mas isso nunca aconteceu, por motivos diversos. Ocasionalmente, no Natal ou na época do verão, ela visitava Anton na casa dos seus avós. Anton também passava as férias de verão nos EUA com a sua mãe com frequência; relacionava-se bem com o seu segundo marido e teria gostado de ficar. Anton só voltava em consideração aos avós, que haviam perdido o único filho na guerra; isso gerou nele conflitos psicológicos que se intensificavam. Foi nessa época que buscou orientação, junto a uma consultora de questões afetivas de um jornal, sobre como deveria proceder nessa



Curso de naturopatia em Hamburgo, 1982

sua situação específica, pois não queria magoar nem os seus avós, nem a sua mãe.

Refleti muito sobre o que tudo aquilo poderia ter a ver comigo. Foi quando visitei, em fevereiro de 1983, o local de nascimento do Dr. Jürgen Eichenfeld, primeiro marido de Margarete. Cheguei a um vilarejo nas imediações de Göttingen, onde conversei com alguns moradores mais idosos. Mostraram-me fotografias daquele tempo, mas não me senti

tocado, tudo aquilo não me dizia respeito. Também visitei a sepultura de Anton. Parti decepcionado.

Foi quando lembrei que minha mãe havia mencionado um aborto ao qual Margarete se submetera nos anos cinquenta. Nas muitas conversas pessoais com a minha mãe, Margarete falara dessa gravidez. Havia conhecido o engenheiro civil e fazendeiro John Miller na América no início dos anos cinquenta e engravidara poucos anos mais tarde. Sempre estivera em contato com o filho que vivia na Alemanha, por correio e por telefone. Assim que se percebeu grávida telefonou para Anton e lhe perguntou o que achava de ter mais um irmãozinho ou irmãzinha. Ele porém reagiu estouvadamente e ameaçou suicidar-se. Temendo ser afastado de vez, não quis tolerar irmãos a seu lado.

Essa reação do filho lançou Margarete em p r o f u n d o desespero, de modo que logo fez interromper a gestação.

A m i n h a suspeita era evidente: era eu possivelmente essa criança que quisera nascer





de Margarete na América. Comecei a recompor as muitas peças do quebra-cabeça. Um acontecimento daquela época me fez refletir. Durante a minha formação profissional tive a oportunidade de observar embriões conservados em grandes recipientes de vidro, em suas diferentes etapas de crescimento. A visão desses seres ainda não nascidos chocou-me profundamente. Senti o impulso de ajoelhar-me humildemente para testemunhar o meu respeito e a minha comiseração. Parecia-me vergonhoso expor esses seres indefesos a olhares curiosos. Ouvi dentro de mim um grito surdo.

A experiência do aborto

Em março de 1983 chegou finalmente o momento: o véu do esquecimento levantou-se. Obtive clareza nessa revelação, e um pouco mais tarde escrevi no meu diário:

Acordei durante a noite, agitado e com uma sensação desagradável, ameaçadora. Ao fechar os olhos, vi um ponto de luz que crescia e se transformava num embrião. Reconheci essa forma primordial embrionária que me causava medo e pânico à medida que crescia. Porque de repente essa formação de luz era eu mesmo, tudo se descarregava sobre mim. Meus pés e minhas pernas estavam banhados em suor, eu temia pela minha vida. De alguma maneira uma força me puxava, para fora de algo que me protegia e me era familiar. Eu respirava com veemência crescente e vivenciava uma agonia mortal. Os puxões e as pontadas arrancaram-me da cama, quando tudo tornou-se insuportável. Senti-me próximo da loucura e queixava-me, em inglês: How can you do that? (Como pode fazer isso?). Eu havia sido expulso, erradicado, aniquilado e eliminado.



É de maneira semelhante que uma alma deve vivenciar o drama do aborto, e de fato, este deve ter sido o aborto pelo que passei, pois a minha provável mãe não me saía da cabeça desde o nosso reencontro nove anos atrás. Não se explicavam assim todos os meus esforços desesperados de chegar à América? Não era essa a tentativa inconsciente de reunir-me, e mais, de reconciliar-me com aquela mãe que ainda existia, para finalmente nos libertarmos, ambos, dessa tortura psíquica que esses eventos provocavam? Por que esse amor entremeado de ódio por Margarete, que me oprimia pesadamente durante todos esses anos? Considerei a questão de todos os ângulos, mas as dúvidas persistiam e pedi um sinal claro ao guia espiritual.

Poucos dias depois relatei para a minha mãe, Gisela Lier, que havia me introduzido a temas espirituais e esotéricos desde a mais tenra juventude, as minhas pesquisas do passado e os meus momentos de suspeita, bem como a experiência do aborto. No decorrer da conversa, a minha mãe mencionou um ginecologista que eu conhecia. Quando ela deu a entender que



ele realizava abortos em série, fui acometido de uma crise de choro, que logo se transformou em brados violentos. Eu gritava tão alto quanto possível, queria condensar tudo nesse clamor, estava desesperado e furioso. Eu vociferava, e aquilo brotava das profundezas da minha alma. Um buraco se escancarava no inconsciente da minha alma, o que se manifestou numa reação alérgica violenta. Saber que esse médico, que deveria conservar vidas, realizava abortos em série, quase me levava à loucura. Gritei por uns 30 segundos sem parar, arremessei um travesseiro pelo quarto e cai no tapete socando o chão e gritando: *How can he do that? (Como é que ele pode fazer isso?)*. Eu estava literalmente fora de mim, uma reminiscência incrivelmente dolorosa havia sido resgatada e apresentava-se claramente diante de mim, de modo que eu mal conseguia lidar com aquilo.

Agora eu reconhecia e percebia essas camadas de ser pertencentes ao meu passado, que eram parte de mim. A dor da morte havia se tornado palpável e factível. Graças a essa conscientização eu me sentia libertado de um imenso fardo imposto pelo destino, e um reinício tornava-se possível nesse momento. Senti algo próximo de um renascimento, e veio-me o desejo de reconciliar-me finalmente com Margarete. Refleti sobre a sua vida, todos os golpes do destino e o desespero que a conduziram ao aborto após a conversa com Anton. Durante longas caminhadas observei as mais profundas

emoções da minha alma. Os acontecimentos internos e externos pareciam fundir-se, e foi assim que escrevi no meu diário em maio de 1983:

A floresta gotejava de umidade, a chuva caía encharcando o solo. Cheguei a um campo e vi as espigas de trigo carregadas curvando-se na chuva de vento como um mar agitado. Eu caminhava por uma trilha margeada de árvores verdejantes. Esse caminho era vida, a minha vida. O passado então parou de ser passado, e o futuro parecia familiar, algo que carregara dentro de mim sem saber-lo. Tudo dissolveu-se naquelas gotas de chuva, e por um momento encontrei-me fora do ser e ainda assim bem no centro dele. O paradoxo me preenchia, o tempo parecia ser uma ilusão, uma brincadeira ou uma travessura a que a consciência se submetia. Senti aquele conhecido esquecido, que reside em tudo o que é. A seguir, o silêncio sem movimento.

Só agora muitas experiências do passado passavam a fazer sentido. O pesadelo da minha infância estava finalmente decifrado: a figura da bruxa simbolizava a mãe que matava o próprio filho. Vejo o forno escancarado como símbolo de útero, algo em processo de incubação cuja proteção foi violada precocemente, transformando-se em local de morte. A faca como símbolo de separação tornou-se instrumento de morte. A cozinha representa a sala de cirurgia, o clarão do fogo reflete a tortura infernal assassina.

A seguir reconheci também o significado mais profundo da bétula abatida, cuja madeira levei junto para a América: era a minha tentativa de transplantar-me a mim mesmo para ali. Em razão do aborto, entretanto, isso não seria possível sem sacrificar a árvore, ou seja, despedaçar-me a mim mesmo. Consumar o assassinato da árvore na Alemanha espelhava o assassinato anterior na América. Como num ritual de sepultamento, queimei, mais tarde, um pedaço do tronco na fazenda, misturando as cinzas com a terra da minha verdadeira terra natal. Fiz assim o meu retorno simbólico e senti um pouco de paz.

Por um instante eu me aproximara bastante da verdade já nas primeiras conversas com Margarete. Uma noite, quando abordamos o tema do *aborto*, eu disse claramente a Margarete que a meu ver aborto era assassinato. Ela deve ter ficado muito perturbada. Mas àquela altura eu ainda não sabia nada sobre o seu aborto.

Também relatei ao aborto as situações de choque, durante as quais por minutos só conseguia falar inglês. A minha morte havia sido provocada por médicos que falavam inglês. A fase de vida pré-natal durante as primeiras semanas da gravidez na América certamente também marcaram intensamente a minha sensibilidade linguística, de modo que levei essa informação subconsciente para a minha nova vida: aprendi inglês brincando.

Um **sonho** que tive em janeiro de 1981, e que registrei no meu diário, elucida bastante bem o tema da *gravidez* e do respeito à criança em formação: na penumbra, encontro-me num espaço amplo. Uma mulher grávida vem na minha direção e para na minha frente, trajando o que parece ser uma camisola. Eu a desabotoo e encosto a cabeça nos seus seios, em seguida, deslizo a cabeça ao longo do seu ventre, ajoelhando.

Contatos com falecidos

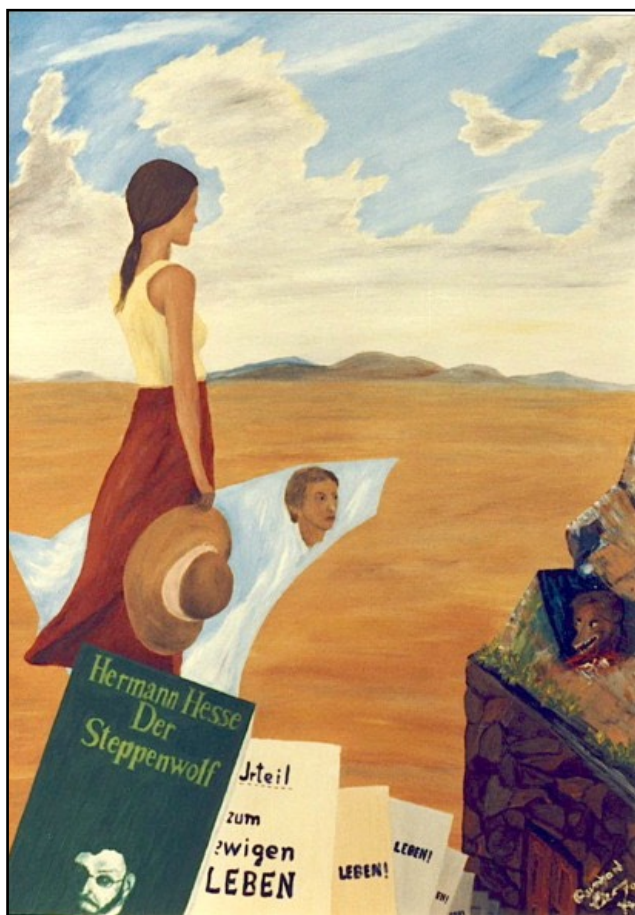
Frequentemente eu passava noites acordado por muito tempo, refletindo sobre tudo isso. Numa ocasião notei um grande alvoroço no quarto escuro, uma agitação de pequenas nuvens claras que se moviam com rapidez. Surpreso, me perguntava o que sucedia, e logo recebi uma resposta esclarecedora: estava sendo sitiado por muitas almas falecidas abortadas, que pareciam interessar-se vivamente pelos meus processos de aprendizado. Sentiam-se confusas e expulsas, e cultivavam sentimentos de ódio e vingança. Comecei a dialogar com elas. Falava baixinho e as suas respostas eram-me passadas sob a forma de pensamentos. A minha tarefa agora era cuidar dessas pobres almas desorientadas, explicando-lhes a sua situação e pedindo a sua compreensão para com os respectivos pais, mães e médicos que haviam participado dos abortos. Procurei mostrar-lhes o caminho do amor que perdoa e liberta, por meio de uma oração de intercessão. Assim, em pouco tempo muitas almas em sofrimento puderam libertar-se da esfera terrestre.

O meu derradeiro encontro com a mãe na América – A despedida

Em outubro de 1985 senti-me impelido a viajar mais uma vez para a América. Por um lado eu tinha diversas pendências a resolver, remanescentes do meu breve período de estudos na Costa Leste, por outro lado queria visitar Margarete e John uma última vez. No início de novembro tomei um voo para lá e finalizei alguns assuntos em Philadelphia. De lá viajei 2000 km de carona até a fazenda da minha mãe americana. Foi um caminho extenso a percorrer até alcançá-la, mas quis vencê-lo dessa maneira conscientemente. A cada quilômetro que me deixava mais próximo dela e do local do meu passado torturante, eu conseguia inclui-la nas minhas orações com crescente fervor.

Quando cheguei à pequena cidade em que Margarete havia morado – agora ela vivia na fazenda – fui tomado por sentimentos de uma magia irreal. Encontrava-me num estado de espírito de ausência de temporalidade, o círculo se fechara após aproximadamente 30 anos. Era nesse lugar que eu deveria ter vivido, no entanto ele se transformara no local da minha morte. O vento abafado vindo do sul despertava a

memória do aniquilamento, do passado não redimido, presente dentro de mim. Eu continuava ligado a Margarete, John, o médico e Anton. Nesse momento, no entanto, pude viver a benção de compreender a tragédia inteira conscientemente e de pedir perdão por aqueles que me haviam feito sofrer. Era essa a minha missão espiritual naquele lugar.



Margarete, porém, nada suspeitava disso tudo, continuava não sabendo quem eu era, e para mim era evidente que eu nada poderia lhe dizer. A verdade possivelmente a teria atingido como um choque, provocando um enfarte do coração, ou então ela teria me declarado louco, buscando reprimir assim toda a questão. Portanto, eu tinha de calar-me.

Percorri a pé a última milha até a fazenda, em meio ao capim alto e seco. Estava tomado por uma sensação esquisita. Toquei a campainha. Ela abriu a porta, completamente surpresa, e abraçou-me. Margarete tornara-se cardíaca e logo percebi o quão cauteloso eu teria de ser nas minhas opiniões e comentários. Os velhos assuntos continuavam tabu. Conflitos

familiares sérios e brigas de herança relacionadas à casa da sua sogra na Alemanha fizeram com que ela rejeitasse qualquer possibilidade de amor e perdão. Enxergava a vida como uma batalha pela sobrevivência a ser vencida.

Para mim os nove dias de convivência com ela vieram a ser uma derradeira grande provação da alma. Eu rezava muito por Margarete e Anton, e suplicava pela transmutação de todas as forças e seres cheios de ódio que a cercavam. Os conteúdos da sua vida não eram mais os meus. Isso era doloroso, porque ela estava longe de compreender-me. Não conhecia o meu caminho, e em suma provavelmente não queria saber quem eu era e como eu realmente era. O seu mundo era o marido John, a vida solitária no campo e a televisão. Procurei pontos de contato, questões íntimas que pudéssemos compartilhar, mas não encontrei quase nenhuma.

Acredito que Margarete não tinha condições alternativas de ir ao meu encontro. Ela se defendia assim, e esforçava-se por sobreviver emocionalmente de alguma maneira na

minha presença. Afinal ela estava diante do seu filho abortado, fato que não podia acessar conscientemente, mas que estava sendo perfeitamente registrado nas camadas mais profundas da sua alma.

De uma coisa eu estava certo: nos reencontraríamos na eternidade, e ali talvez eu pudesse ajudar-lhe muito melhor. Eu desejava muito estar do seu lado quando fizesse a passagem para o além, servir-lhe de alguma maneira. No momento atual, eu tinha de manter silêncio sobre os maravilhosos eventos



espirituais que recebera como dádiva. Almejava, no entanto, compartilhar com ela esses tesouros íntimos ao menos no plano da eternidade.

O meu tempo de visita chegava ao seu término. Surgiu ainda um último confronto difícil sobre a morte de Anton. Eu tentava desesperadamente esclarecer que Anton continuava a viver, e que ela também continuaria a viver após a sua morte, mas ela atacava energicamente os meus pensamentos. Não consegui transmitir-lhe sequer uma sombra de noção das leis espirituais que são a expressão do mais elevado amor. Aos seus olhos eu continuava sendo o sonhador fora da realidade.

Retornei às orações, à quietude íntima com Jesus Cristo, que me fortalecia e restaurava. Margarete estava enferma e sem forças, tanto de corpo como de alma. Eu tinha de deixá-la tal como estava, era esse o meu dever. O mais importante que podia fazer eu já havia cumprido: desculpá-la perante Deus, pedir perdão por ela por pior que tivessem sido os seus atos. Sentia-me unido a ela por laços inseparáveis de amor, sem levar em conta a sua opinião sobre mim, ou a sua atitude para comigo. Foi assim que se encerrou o nosso encontro, no aeroporto de Kansas City. Na aparência o relacionamento estava rompido, mas no meu íntimo eu confiava na força transformadora do amor de Deus que me unia profundamente a ela e que seria, só ele, capaz de purificar todos os nossos atos passados de desamor e possibilitar um novo encontro no plano da eternidade.

São os sonhos em que Margarete me aparecia os que mais nitidamente refletem a evolução do nosso relacionamento. De início eu experimentava acusações e humilhações das mais violentas. Mais tarde Margarete aparecia separada de mim por uma cerca, e nos encarávamos em silêncio. Eu andava pela fazenda repetidamente, entrava na casa e tentava falar com ela. Em sonhos posteriores eu aparecia sentado na cozinha e ela preparava uma refeição para mim. O pesadelo da minha infância, a bruxa



assassina na cozinha, tinha sido transmutado: eu a enfrentara, visitando-a repetidamente, para decifrar o enigma do destino. Agora finalmente conversávamos e nos abraçávamos. As sombras do passado dissolviam-se sempre mais.

Num desses sonhos eu me encontrava num carro a seu lado e lhe falava da essência do amor, da capacidade de sacrifício que se estende até a morte em prol da pessoa amada: o caminho que Jesus Cristo fizera. Eu dizia a Margarete que ela mesma havia feito sacrifícios por Anton, pois sustentara-o financeiramente a vida inteira, o que nem sempre havia sido fácil para ela. Ela me ouvia serena e receptiva.

Junto à sepultura de Martha Eichenfeld

Logo após a minha viagem à América em novembro de 1986 faleceu a sogra de Margarete, Martha Eichenfeld. No verão do ano seguinte fiz mais uma última visita ao cemitério em que estavam sepultados Martha Eichenfeld, o seu marido, o seu filho Jürgen e o seu neto Anton. Martha sobrevivera por muito tempo aos três parentes.

De pé ao lado desse túmulo de família, fui tomado por um sentimento esquisito, ali, junto à sepultura do meu meio-irmão Anton, que havia em parte originado o meu aborto, a minha morte. Encontrava-me no limiar do além, pois intuía que todos eles continuavam a viver como almas e que podia falar com eles. Orei por eles, e especialmente por Anton, que havia se suicidado onze anos antes. Quão transitória parecia agora a vida material, corporal. Em vista disso, qual é a importância do tempo, que no além só existe muito condicionadamente? Pedi perdão por todos os atos passados desprovidos de afeto, em prol de todos os envolvidos, viventes ou falecidos, e que pudessem eles também perdoar aos seus ofensores, absolvendo-os perante Deus e o Amor. Todos os eventos, todo esse sofrimento, pareciam quase um sonho, uma peça de teatro bem encenada, que havia chegado ao seu término, e, no entanto, a vida

retomava o seu rumo. A minha alma tocava um pedaço de eternidade, e nos meus pensamentos via-os todos à minha frente: vivos e transmutados, mais próximos do amor incondicional.

A vida antes do aborto, Rússia, século 19

Em abril de 1983 mais uma questão ardente brotou na minha mente: porque tivera eu de passar pela experiência do aborto? Quais seriam os acontecimentos que o precederam, de que maneira havia eu me tornado culpado? Porque logo presumi ter sido vítima e protagonista. Também dei-me conta de que pisava em terreno muito perigoso, pois conhecer o passado já levava muitas pessoas à loucura. Por essa razão não quis de modo algum resgatar esse saber à força, como pelas vias da hipnose; antes mantive contato constante com o meu guia espiritual ou anjo da guarda, por meio da oração. Eu percebia nitidamente a presença do meu guia espiritual quando ele se dispunha a mostrar-me alguma coisa. Eu tornava sempre à proteção de Jesus Cristo e pedia que ELE só me mostrasse o passado no momento em que aquilo fizesse sentido para mim, e que também esse saber se desvelasse em doses diminutas, para evitar que a loucura se apoderasse de mim.



Passei por noites profundamente aflitivas e rezei muito para manter o equilíbrio interior. Atravessei imensos abismos da minha alma, entrei em contato com muitos falecidos, que como eu ansiavam pela luz da redenção. Foi assim que registrei no meu diário em novembro de 1984: *A dor psíquica, as tormentas da alma, deve ser esse o ponto de contato mais intenso com a causa primária da criação expulsa. A dor física empalidece ao lado da tortura da alma, da insensatez, da loucura. Nesse momento desejamos não existir. A saudade do nada, o ímpeto da autodestruição apoderam-se da alma. Posso compreendê-los, os internados nos hospícios: torturados, cheios de dor, à busca de soluções de emergência, entorpecidos em ações compulsivas. Possivelmente é nesse estado que se percebe com maior nitidez a ligação com o outro mundo, o reino dos desencarnados, dos espíritos e dos demônios. Aturar forçadamente o insuportável torna-se a tortura suprema, pois não há como fugir. Só ELE, Jesus Cristo, pode trazer a salvação.*

Andrea Petrasch

Em abril de 1983 Andrea Petrasch entrou para o meu círculo de amizades. A minha primeira sensação com relação a ela foi de perplexidade trágica. Ao buscar afinar-me internamente com ela, era acometido de uma tristeza profunda, a ponto de sentir-me impelido a sair da sala para ir chorar no cômodo ao lado por vários minutos. Havia algo pesado, opressivo, entre nós, algo que àquela altura eu não conseguia atinar. Ao voltar para casa após um dos nossos primeiros encontros, fui tomado por sentimentos de mágoa e de ira, uma explosão de tensão máxima passou através de mim. Não pude continuar dirigindo, parei, sai do veículo e chorei incontrolavelmente. A estrela escura do passado pairava sobre o nosso relacionamento, sugerindo uma atração dolorosa e destruição ao mesmo tempo.



Em junho de 1983 escrevi no meu diário, após prolongado conflito interior: *Sinto que os tempos que vivi parecem nublar-se. Tudo está deslocado, arbitrariamente resgatável, e sombras dolorosas do passado pedem para ser revividas. Esse material antigo me alcança de alguma maneira, sou muitas*

pessoas, tive muitas vidas. É como uma música que retorna, uma melodia bela e melancólica, tênue, doce e ainda assim exigente, sugando o ser humano por inteiro. Fecha-se o círculo, tudo é como um carrossel e não posso pará-lo.

Já no outono de 1983 obtive clareza sobre o nosso passado em comum. Numa noite de agitação interna vi, em estado desperto, a seguinte cena: numa vida anterior, Andrea estava deitada numa mesa, e eu vivi a intervenção de um aborto que estava sendo realizada sob muitas dores, de maneira asquerosa, numa sala aparentemente revestida de azulejos brancos. Um homem trajando um avental sujo de sangue estava de pé diante das suas pernas abertas e tratava de matar a criança às pressas. Andrea debatia-se, gritava alto e eu vivi a sua pavorosa agonia.

Eu estava sendo confrontado nitidamente com o meu papel de médico operador de abortos daquele tempo. De vez em quando as senhoras das camadas mais sofisticadas da sociedade de São Petersburgo procuravam-me para interromper a gravidez, já então algo normal sobre o que não se falava muito. Agora eu ficara sabendo como uma

mulher chega a sentir-se numa intervenção dessas. O aspecto trágico que se interpunha entre Andrea e eu fora a execução em comum de várias crianças. Fora necessário reencontrá-la, para reconhecer esse fato e para pedir perdão pelas nossas ações. Depois disso recebi sinais nítidos por parte do meu guia espiritual solicitando a minha separação pacífica de Andrea.



Ao mesmo tempo despertava em mim o amor pela velha Rússia. De fato, o período da minha juventude dos 12 aos 16 anos de idade refletiu esse passado, notadamente a vida no campo, simples e ligada à natureza, e principalmente a lida com cavalos. Eu passava o tempo livre junto a um idoso proveniente do Leste que havia sido condutor de locomotiva. Parecia um Rasputin, e ensinou-me a cavalgar e a

conduzir um coche, a arar e a preparar feno, a cuidar do jardim, a construir galpões e estábulos. Suponho ter crescido na vastidão dos campos russos, ao menos na infância, porque a casinha do ancião, com os seus estábulos, cavalos e coches sempre exerciam sobre mim uma atração mágica. Foi o mais belo período da minha vida.

Maria Benzloff e Alexander Stein

Em 1983 conheci duas pessoas que certamente tinham vínculo com o meu passado na velha Rússia: Maria Benzloff e Alexander Stein. Por meandros estranhos certo dia fui enviado à presença de uma senhora idosa que não estava bem de saúde e que já vivia há muito tempo numa pequena residência em Hamburgo. Ali estava eu diante de Maria Benzloff, e de imediato sentimos uma profunda conexão recíproca. Ela era membro da Igreja Russa Ortodoxa e logo passamos a frequentar o serviço religioso tradicional: uma experiência que me marcou profundamente e que me fez redescobrir o meu amor por ícones, incensos e os cantos religiosos.

Encontrava-a ocasionalmente. Por horas a fio conversávamos sobre questões religiosas e psicologia. Ela deve ter desempenhado um papel importante na minha vida passada na Rússia, mas o seu significado nunca me foi revelado. Acredito ser digno de menção um sonho que tive em outubro de 1983. Eu falava a muitas pessoas sobre o tema da

paz, às margens de um grande rio. As ondulações das águas chegavam até os meus pés, quando uma procissão russa-ortodoxa aproximou-se de nós, seguindo por uma vereda campestre, carregando ícones dourados. Muitos sacerdotes passavam por mim, com as suas longas barbas, belas vestes, carregando imagens religiosas. Eu prestava-lhes reverência, levando as mãos postas à testa à maneira indiana.

Já o encontro com Alexander Stein foi oprimente; ele era beneficiário de pensão social e sobrevivia numa moradia pobre de fundo de quintal em Hamburgo. Como poeta e músico sem dúvida talentoso ele contou-me, ao tocarmos no tema da reencarnação, que havia sido latifundiário na velha Rússia, segundo lhe revelara um conhecido com habilidades mediúnicas. Ele, no entanto rejeitava energicamente essa afirmação. Em longas conversas eu tentava compartilhar com ele o meu entendimento das leis espirituais; ele, porém, acusava sem cessar o seu entorno, e principalmente as pessoas abastadas. Considerava-se artista genial, que os outros oprimiam sem piedade. Logo percebi: ele só falava de si mesmo, condenava inconscientemente o seu próprio passado, pois na Rússia daquele tempo vivia uma camada social de latifundiários poderosos que explorava cruelmente os servos e lavradores. Agora ele morava miseravelmente numa moradia de fundo de quintal, vivendo a experiência dos agricultores oprimidos de tempos passados.

O fato de ser notoriamente talentoso nas artes, mas sem nenhum sucesso na venda das suas obras, era especialmente doloroso para Alexander. Ninguém se importava com ele e a sua arte. Tentei ajuda-lo por diversas vezes, mas a sua atitude interior bloqueava cada uma das minhas iniciativas: certo de ser especial, considerava que ao fim das contas as “massas comuns” não eram dignas de apreciar a sua arte. Essa soberba e a sua atitude agressiva para com as pessoas tinha sobre mim um efeito demolidor. Ele exigia muito e queria ter tudo, mas não se dispunha a dar o principal: amor.

Logo percebi que as conversas por horas a fio não resolviam nada. A cada vez eu saía de lá completamente exaurido, porque ele repetia sem cessar as suas opiniões teimosas, sem questionar-se sequer uma única vez. Talvez eu tenha errado, mas não sabendo mais como lidar com a situação de outra maneira, acabei por escrever-lhe uma carta sincera. No fundo eu tinha pena dele. Movendo-se num círculo fechado, ele sofria imensos tormentos, por não se dispor a olhar para os aspectos da sua sombra.

Depois desses encontros e experiências encerrei as pesquisas sobre o meu passado. Não quis olhar para um passado mais remoto ainda e senti gratidão por poder deixar quietos aqueles tempos. Somente anos mais tarde foi-me revelado o meu papel como monge e sacerdote em sucessivas encarnações clericais. O tema da sexualidade e da relação entre homem e mulher teve de ser trabalhado em profundidade. As raízes chegavam a tempos longínquos da mais obscura Idade Média, quando muitos sacerdotes se desintegraram interiormente, recalcando excessivamente tanto o seu lado

feminino como a sua masculinidade. A consequência foi a projeção da própria sombra dos clérigos sobre mulheres, que eram queimadas como bruxas.

Encontros posteriores com mulheres

Repetidamente conheci mulheres na minha vida que me agrediam e condenavam com veemência. Nessas conexões escondiam-se sempre o aspecto cármico e a inserção em duas áreas de encarnação: a monástica e clerical e a da pessoa do médico na Rússia. Num dos relacionamentos fui confrontado com a fatura da culpa de forma tão habilidosa que acabei “comprando” a minha liberdade mediante uma soma de cinco dígitos.



Suponho que muitos relacionamentos estranhamente sofridos tenham a sua origem nessas velhas histórias. Não há como negar a possibilidade de que o religioso que atormentou mulheres em outros tempos

seja hoje o cônjuge tiranizado de uma mulher daquela época, torturada e assassinada como bruxa. Essa mulher consegue amarrá-lo através do sexo, gerando uma criança que ele nunca quisera ter com ela. Ele por sua vez recusa casar-se com ela e a mantém à distância. Assim, a maioria dos encontros oriundos de vínculos relacionados a reencarnações transformam-se numa batalha vingativa e cruel seguindo o lema bíblico “olho por olho, dente por dente”.

O fechamento dessa temática deu-se por meio de alguns encontros com crianças reencarnadas abortadas durante o meu tempo na Rússia. Olhá-las nos olhos provocava sentimentos de congelamento e medo. A culpa nos paralisa e leva a impulsos de autodestruição. Na segunda parte deste livro trago à luz os fundamentos precisos da dinâmica da culpa.

Considerações finais

Margarete faleceu no dia 6 de dezembro de 2004, o seu marido John aos 23 de julho de 2007. O contato externo havia sido interrompido no final dos anos 80. Nunca mais voltei àquela localidade no Kansas, tudo isso pode ser encerrado.

Quanto a mim, casei em 1984, tenho dois filhos desse casamento e nesse ínterim 5 netos. Divorciei-me em 1992. Em 2006 travei conhecimento com o treinamento mental de *Um Curso em Milagres*. Desde então o meu processo de cura ingressou numa dimensão de profunda magnitude.

Em 1986 registrei as minhas experiências e publiquei-as pela primeira vez em 1987. Significativamente, o título era “Quando buscas o perdão”. De fato, os nossos pesadelos sempre envolveram e envolvem *culpa*. No caso do aborto, há pelo menos três pessoas em jogo: a mãe, o pai e o médico. A criança é incluída como o quarto parceiro do destino. Na segunda parte a seguir elucidado os fundamentos desses eventos do destino a partir da perspectiva do treinamento mental de *Um Curso em Milagres*. Precisamos de um olhar espiritual sobre os acontecimentos, se quisermos encontrar cura e paz. A dádiva do olhar curador está diante de nós. Que possamos todos escolher de novo, porque somos todos chamados.





SEGUNDA PARTE

O sofrimento da reencarnação à luz de *Um Curso em Milagres*

Em última instância, a reencarnação é impossível.

Não há passado ou futuro e a ideia de nascimento
em um corpo não tem significado nem uma,
nem muitas vezes.

A reencarnação, então, não pode ser verdadeira em nenhum sentido real.

Nossa única pergunta deve ser: Esse conceito é útil?

E isso, é claro, depende da finalidade para a qual ele é usado.

Se for usado para reforçar o reconhecimento da natureza eterna da vida,
de fato, ele é útil.

(UCEM: *Manual de Professores: 24.1:1-6*)

Observação:

Palavras são símbolos de símbolos. Elas buscam descrever algo que, em última instância, só pode ser vivenciado. É nesse sentido que palavras devem conduzir ao vivenciar consciente, e conferir clareza à contemplação das coisas. Por isso, não se perturbe com determinadas palavras, como por exemplo, *Deus*. Você pode substituí-la pela palavra *Amor* ou *Luz*, como considerar adequado para você. Quando falo do *SER divino*, de *DEUS*, do *SEU AMOR*, do *MUNDO ESPIRITUAL* ou da *ORIENTAÇÃO*, quase sempre o faço em maiúsculas, para realçar claramente que esse “plano” supremo é SUPREMO. Este refere-se também ao verdadeiro *SELF*, que é *MENTE* da *MENTE de DEUS* – em oposição ao *falso self*, o *ego*, que não tem nada a ver com o *SER DIVINO*. *DEUS* está verbalizado na sua forma masculina, como *ELE*, mas não indica *nenhum* gênero, *nenhuma* pessoa, *nenhuma* forma. No espaço da linguagem não podemos prescindir de metáforas e símbolos, as quais em via de regra tem a sua origem nas nossas representações mentais polarizadas.

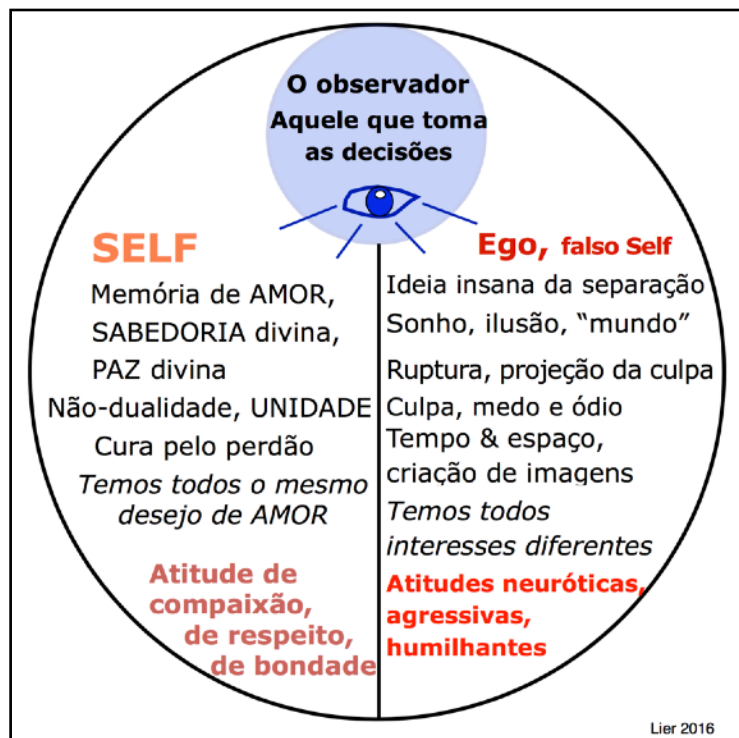
O que é o ser humano?

Tudo o que nós humanos experimentamos sob a forma de destino faz surgir repetidamente a pergunta: O que é o ser humano? Qual é a representação humana mais acertada, onde atingimos o cerne da verdade em nós? Somos apenas corpos que provém do nada e que desaparecem no nada? Qual é o significado de conceitos como *alma e mente*?

Na exposição que apresento refiro-me ao treinamento mental de *Um Curso em Milagres*. Foi a americana Dra. Helen Schucman, docente de psicologia, que em meados dos anos sessenta passou a ouvir uma voz interior, em estado desperto, a qual começou a ditar-lhe o material de texto muito volumoso de *Um Curso em Milagres*. O seu colega Dr. William Thetford incentivou-a a confiar nessa voz, já que o material se revelava altamente diferenciado intelectualmente e profundo na abordagem psico-espiritual. Esse trabalho de ditado estendeu-se por quase sete anos, até que ficasse completa a obra em três partes, composta de um livro-texto, um livro de exercícios e um manual de professores, que gradualmente chegava ao público através da *Foundation for Inner Peace* (Fundação para a Paz Interior).

Um Curso em Milagres (abreviado UCEM) oferece-nos uma imagem muito clara do ser humano, que deve ser sempre considerada, por um lado, no contexto de uma matriz espiritual dentro da nossa existência terrena do sonho, incluindo no entanto, por outro lado, a conexão com a REALIDADE subjacente.

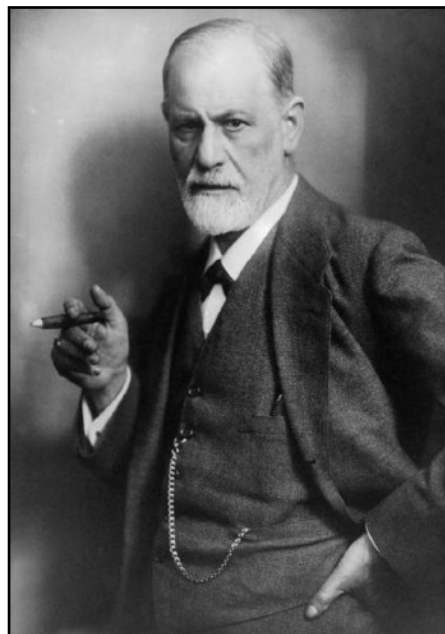
À luz da Verdade divina somos o SELF: espírito perfeito, MENTE advinda da MENTE de DEUS, o FILHO de DEUS *uno*, SUA criação perfeita na UNIDADE com ELE. DEUS é não-dual, UNO em SI. Apenas uma parte dessa mente do FILHO de DEUS caiu num sonho, que no entanto é absolutamente irreal e portanto não-existente, porque ELE como REALIDADE única não sonha. É aquela parte que se identifica com o princípio da separação e que produziu o **ego**. O ego por sua vez é a causa do mundo, pois está inevitavelmente ligado ao processo da projeção (o que ainda será explicado com precisão mais à frente).



Como terceira instância ao lado do ego e do SELF temos *aquela* porção que tudo observa em silêncio e que toma decisões o tempo todo, na sequência denominado **observador** e **aquele que toma as decisões**. Ele pode reagir inconscientemente ou por reflexo ou pode, ao contrário, tornar-se uma instância muito útil dentro de nós, desde que a sua *capacidade de observação* seja treinada conscientemente. A decisão consciente baseia-se em observação clara e sóbria, que reconhece precisamente o que serve ou não serve ao amor. As três porções juntas também são chamadas de mente fragmentada. E ela que sonha o mundo. Ela consiste de mente reta (o SELF), mente equivocada (o ego) e o observador ou seja, aquele que toma as decisões.

O mundo terreno que vivenciamos foi construído pela nossa mente sonhadora como defesa contra a REALIDADE DE DEUS. Projetamo-la fundamentados na nossa crença no pensamento da separação. Na verdade não existe ego nem mundo. Este apenas nos parece real porque queremos acreditar nele. O mundo se baseia unicamente numa decisão tomada pela nossa mente. Decorre daí o papel primordial da instância daquele que toma as decisões: ele age como um símbolo externo ao nosso pesadelo, para nos libertar da identificação dolorosa com a condição de carrasco e de vítima. Assumimos plena responsabilidade pelo mundo que construímos (sonhamos) nós mesmos, pelo nosso destino com todos os seus eventos, e começamos a nos *decidir* em favor da cura. A *decisão* em favor do AMOR, de DEUS, anula a cisão, a separação, dentro de nós. Essa decisão é um ato de vontade e constitui a nossa realização espiritual propriamente dita, bem como o nosso poder no caminho da libertação. A *consumação* da cura, no entanto, é dádiva e graça – o *milagre* em si. Entretanto, examinemos em maior profundidade o conflito primordial pelo qual passam todos os seres humanos.

Foi Sigmund Freud, no século 20, que primeiro descreveu brilhantemente a loucura do ego. As suas conclusões a respeito da projeção superam largamente a sua teoria sexual e constituem o fundamento da consequência da culpa reprimida: medo e ódio. Sendo tão terrível e insuportável o sentimento de culpa, isto é, a nossa convicção da realidade do pecado e da separação de DEUS, essa culpa é apartada e desviada para o inconsciente – ficando ali enterrada – e transformada em ódio mediante a projeção sobre outras pessoas, pois a pressão interior é imensa. Assim são sempre os outros os culpados pela minha miséria, merecendo perseguição, castigo, e como último recurso, a morte. Procura-se a causa da própria infelicidade na outra pessoa, num destino injusto ou em Deus.



O ódio que se expressa, no entanto, provoca imediatamente mais sentimento de culpa, além do medo dessa culpa e da possível vingança do adversário. Na pior das hipóteses projetamos a imagem do adversário vingador sobre Deus, interpretando equivocadamente a SUA verdadeira essência: AMOR incondicional. O ódio, e o ataque que dele decorre, são mais fáceis de aturar do que o medo e a culpa. Ataco aquilo que temo. Aquilo que ataco é o que temo. Portanto, o medo conduz à paralisia da alma, ou à explosão externa, o ataque.

O medo reprimido – a bem dizer, a culpa! – transforma-se em depressão. É assim que culpa, medo e ódio se entrelaçam muito estreitamente, podendo ser considerados, em última análise, um único fenômeno. O círculo vicioso fecha-se sobre si mesmo, e parece não haver escapatória. Vivenciar plenamente o ódio leva continuamente ao medo da vingança do adversário.

O mundo da mente dividida que construímos baseia-se nesse processo destrutivo que se estende até o cerne do mundo material, o qual não passa de uma projeção da mente egóica, não tendo sido criado por Deus em 6 dias, conforme ensina a igreja cristã. Pecado, culpa, medo e ódio conduzem à agressão que deu origem ao mundo. Como vemos no UCEM, a totalidade do mundo material representa um ataque ao AMOR, a



Foto nº 2: Segunda Guerra Mundial – Rússia:
execução de guerrilheiros

DEUS. Está fundamentado em puro ódio, sendo uma consequência da nossa fuga do AMOR absoluto. No mundo que projetamos haverá sempre vencedores e derrotados, porque esse mundo, sendo ilusão, nada tem em comum com a REALIDADE de DEUS, o AMOR puro.

A título de fundamento da compreensão da reencarnação é preciso

reconhecer: estamos lidando, dentro de nós, com uma mente enferma e dissociada, presa num círculo vicioso de culpa, medo e ódio. Somente a visão interior (e portanto a renúncia à projeção de culpa) e o caminho do ESPÍRITO poderão trazer cura e redenção.

Poderíamos perguntar, afinal, como é que chegamos a essa situação fatal? No UCEM a resposta nos é sinalizada por meio de uma imagem – e nesse nosso estado de mente dissociada nem conseguimos entender para além disso.

O senso de separação de DEUS é a única falta que realmente precisamos corrigir.

(UCEM; T1; VI, 2:1; página 14)

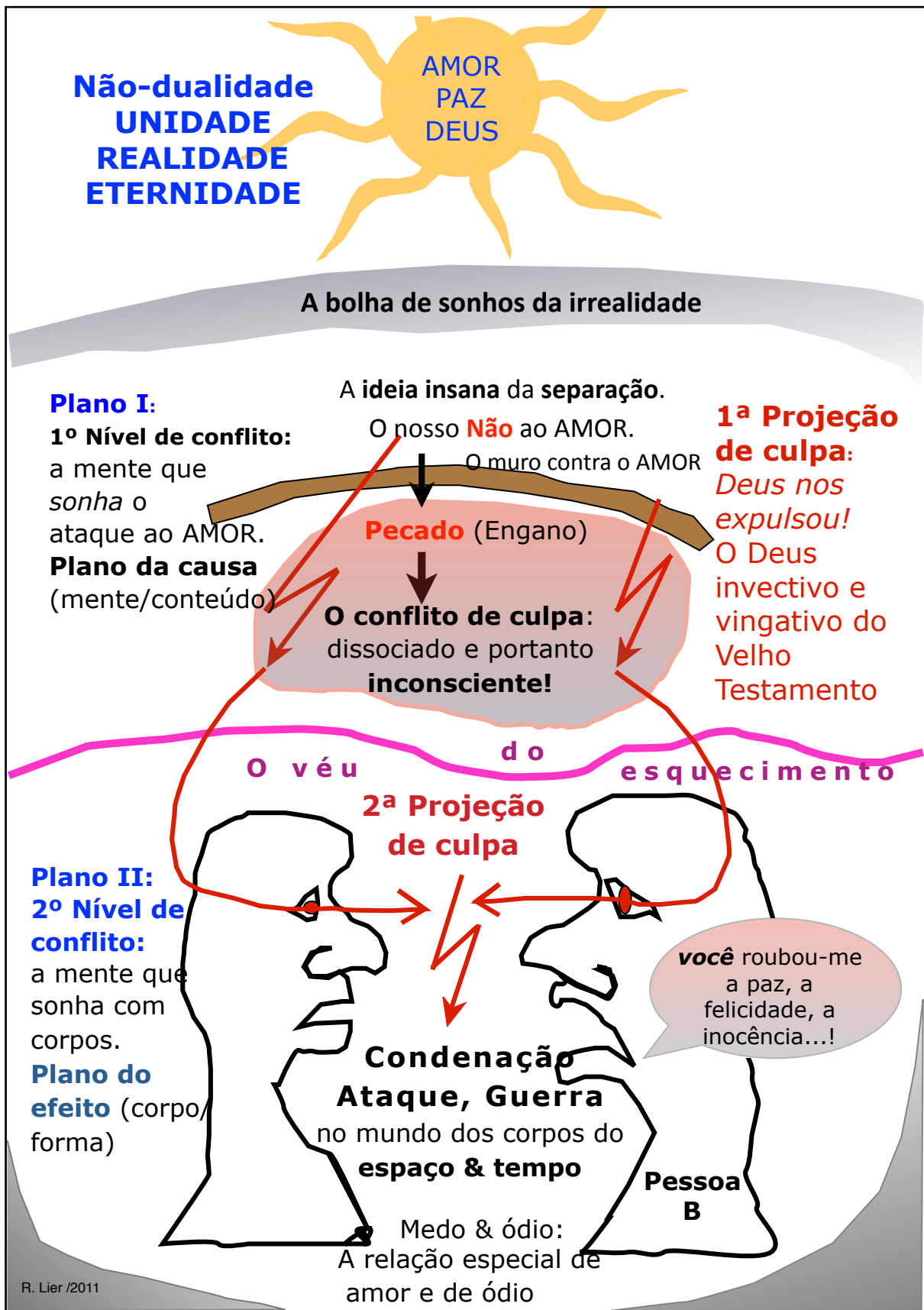
No CÉU tudo era e é *um* só. Ali não há dualidade. Todas as formas de dualidade, mesmo se percebidas por nós como fenômeno normal e inofensivo, são consequência da ideia de separação, que surgiu no CÉU em algum momento, como um “desvario diminuto”. Essa ideia de separação representava, no âmbito da REALIDADE e da VERDADE do CÉU uma maluquice a qual só se pode chamar de mentira.

Infelizmente o FILHO de DEUS, que na verdade somos todos nós, esqueceu-se de rir dessa ideia maluca. Deixou-se então “contaminar” por essa ideia, e uma parte do seu ser caiu no sono; desde então ele sonha o sonho deste mundo tal como o conhecemos. Ele está sempre fundamentado, em todos os seus fenômenos, na separação, na dualidade: inspirar e expirar, nascer e morrer, construir e demolir, prazer e dor, dia e noite. Mal podemos imaginar um mundo para além da separação, na melhor das hipóteses temos uma recordação muito tênue do estado celestial.

No seu sonho, o FILHO de DEUS fragmentou-se (separou-se) em bilhões de componentes, e foi assim que, do ego único criado em sonho, surgiram os muitos bilhões de egos fragmentados que representam a humanidade hoje vivente dentro de corpos, que se guerreiam em todos os planos. O filho de Deus adormecido mergulhara tão profundamente no sonho insano que acreditou ter atacado e destruído o AMOR (DEUS). Ao mesmo tempo surgia o medo da vingança divina, resultando na imagem projetada do Deus vingativo e invectivo do Velho Testamento, o qual possui todas as características de um insano: ciumento, partidário, vingativo, assassino.

Portanto o *pecado* propriamente dito é a ideia de separação, ou melhor dizendo, um *engano* da nossa mente, o qual cabe corrigir. A crença no pecado é a base do nascimento do ego. O ego se alimenta da crença no pecado e da culpa que dali resulta. O filho de Deus sentia-se culpado pelo ataque a DEUS e fugia mais e mais para dentro das profundezas de um contra mundo material (sonhado).

Escolhemos a escuridão, a falta de amor deste mundo. Ainda assim, UCEM nos assegura que este não existe de fato – só subjetivamente nas noções sonhadas pela nossa mente. Não há vida fora do CÉU, como diz claramente um trecho do UCEM. Projetamos no mundo e em todos os seus protagonistas a nossa decisão de querer vivenciar um mundo para além do AMOR de DEUS; este então configura-se por intermédio dessa decisão(!) – e todos os participantes acreditam no jogo do mundo. Vivenciamos a separação porque nela acreditamos e portanto decidimo-nos a favor dela. A nossa percepção reflete o estado doentio da nossa mente, mas nada diz sobre a REALIDADE, já que os nossos cinco sentidos só nos permitem perceber as projeções insanas da nossa mente.



Tudo o que a mente separada (o ego ou o falso self) produziu não passa de pura ilusão e não pode ser qualificado como real, como verdadeiro. Pois como pode algo existir que surge e passa, e que no próximo instante já se extinguiu? Aquilo é e permanece

fugidio como um sonho. A mente egóica projetou o universo físico na sua totalidade e ele é tão veraz como uma animação programada em computador, um mundo virtual, portanto, como por exemplo o Second Life: ilusão absoluta. Basta apertar uma tecla e tudo dissolve-se em nada. O programador de ambos os mundos, o material e o virtual, é a mente “sonhadora”, isto é, nós na posição do observador e daquele que toma as decisões. Ele envia comandos para o nosso cérebro instruindo-o a construir o mundo do tempo e do espaço como *realidade experimental*. O cérebro só recebe os comandos da mente, não sendo capaz de agir por iniciativa própria. É a mente a única causa da percepção. Toda percepção é uma projeção na mente, e tudo está fundamentado em convicções:

Em última instância, o espaço é tão sem significado quanto o tempo. Ambos são meramente crenças.

(UCEM; T-1; VI,3:5-6; página 14)

A mente sonhadora projeta-se num corpo, quer vivenciar-se como ser corpóreo, ainda que o corpo seja uma imagem ilusória da mente. Os corpos são feitos para reforçar a separação, fazê-la parecer real. Além disso, corpos possibilitam projetar culpa sobre “outros corpos”, grupos humanos que aparentemente não são eu. Em última análise, porém, isso não está correto: não há separação, só ataco a mim mesmo quando ataco outras pessoas (corpos).



Foto nº 3: 1941, norte da União Soviética: comando de fuzilamento na execução de seis homens (“guerrilheiros”)

Os soldados na figura à esquerda fuzilam a si mesmo nas pessoas aparentemente separadas deles. O que dou a outros sempre dou a mim mesmo. É essa a realidade (onírica) da mente. O trabalho de constelação familiar resulta no seguinte quadro: Os filhos e netos desses soldados haverão de simbolizar as vítimas dos seus pais e avós, eles representarão essas pessoas e perceberão a sua desgraça dentro de si. Tudo isso indica que, como almas, existimos de fato uns dentro dos outros – na verdade somos *um*: *uma* mente. Continuamos repousando na MENTE de DEUS (porque onde mais poderíamos estar, se não existe nada ao lado ou fora de DEUS?), porém sonhamos com o exílio por causa da crença compulsiva no pecado, isto é, o estar separado do AMOR.

Contemplemos agora a vida humana. Nascimento e morte constituem o começo e o fim e entre eles estão muitos acontecimentos dramáticos, cheios de prazer e de dor. E provavelmente a dor vai predominar em larga medida, atijando assim a busca da felicidade. O relacionamento interpessoal constitui o ponto de cristalização de todas as experiências. A história da humanidade é um encadeamento de relações. A vida (tal como a conhecemos) é relação, como formulou o filósofo Martin Buber. Em todos esses relacionamentos nos espelhamos todos a nós mesmos como o filho de Deus uno. Nesse sentido cabe afirmar no plano espiritual: eu sou você. O que lhe dou, dou sempre a mim mesmo também. O que lhe tomo, tomo sempre de mim também.

Foto nº 4: Detentos libertados do campo de concentração Ebensee na Áustria (vide Fontes). A sua miséria é a minha miséria também, pois talvez eu tema um destino desses: privado dos meus direitos, humilhado e atemorizado, dentro do campo, com a morte diante dos meus olhos.



Foto nº 4: Detentos libertados do campo de concentração Ebensee na Áustria (vide Fontes).

A sua miséria é a minha miséria também, pois talvez eu tema um destino desses: privado dos meus direitos, humilhado e atemorizado, dentro do campo, com a morte diante dos meus olhos.

Como então enxergo a outra pessoa? Sempre da maneira como enxergo a mim mesmo (em segredo). É esse o significado da lei do espelhamento, que é assunto predileto de discussão em círculos esotéricos. Só precisamos do espelho do parceiro de relacionamento, para que nos reconheçamos. Mas a princípio esse reconhecimento é sempre o de um ser cheio de si, apavorado e insaciável. UCEM

menciona a relação especial de amor e de ódio. Acredito: necessito de um você para completar o meu eu, para resgatar o que aparentemente perdi. Procuo a felicidade do CÉU num mundo de separação, apoderando-me de objetos (pessoas, ideias, artes, coisas...), incorporando-os mentalmente, para então sentir-me mais completo e capturar momentos de paz. Mas o nível da forma, e com isso todo o nosso mundo, permanece sempre um símbolo da separação e da carência. Ali não há como encontrar a solução.

Contentamento e paz são qualidades da mente e não do mundo, o qual não passa de projeção doentia da mente sonhadora. É na mente que reside o poder de decisão: escolher a ilusão ou a VERDADE. Seguir o caminho do mundo ou o caminho da mente. Mas por enquanto estou preso no sonho e ainda não reconheço o poder da mente, porque me considero um ser exclusivamente corpóreo, quase sempre em fuga para a condição de vítima e conseqüentemente para a projeção de culpa.

O ser humano que ingressa neste mundo não sabe que nada sabe. Impôs-se a si mesmo a cegueira mental e assume um corpo em razão de uma tensão mental que lhe causa sofrimento e medo. Uma mente cheia de paz não tem de encarnar, e não o fará; a bem dizer, não é obrigado a sonhar com uma vida num corpo.

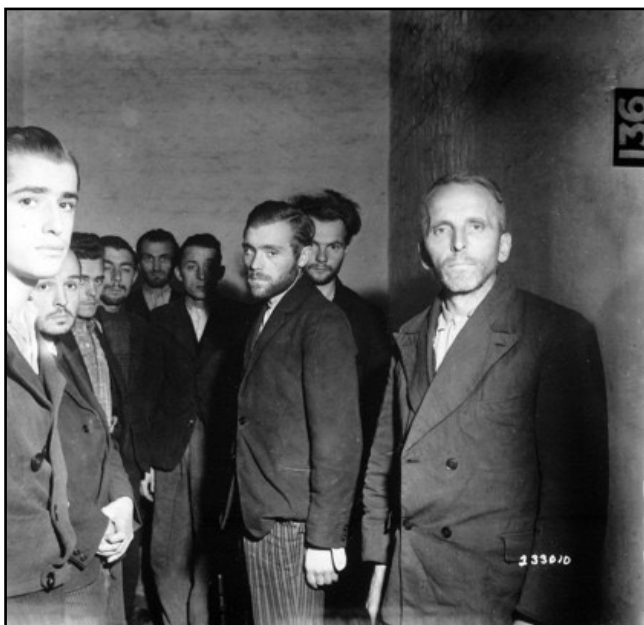


Foto nº 5 (vide Fontes): Funcionários alemães da Gestapo (polícia federal secreta) capturados na cidadela de Liège (Bélgica). Esse sou eu também, o ofensor por convicção, que se tornou culpado. Um ser humano. O que ele escolhe? O que escolho eu? Como o enxergo? Assim como enxergo a mim mesmo!

A culpa a que já fiz referência é o motor emocional do mundo, do construir o mundo, do sonhar. Ela nos impele a fazer imagens para criar, por meio de soluções de emergência (encarnações), uma sala de aula que possa nos servir para sonhar incessantemente ou para despertar. A decisão pelo despertar amadurece quando o sofrimento adquire a dimensão máxima e o anseio pela paz se intensifica ao extremo. A pressão da culpa, que nos empurrou para a roda das encarnações, tem de ser tão forte, que a vontade de colocar tudo em dúvida não pode mais ser refreada. Onde não há vontade, também não há caminho, só sofrimento por tolice e ignorância. Uma vez, porém, que irrompe a vontade que quer compreender, faz-se a luz em meio aos mais tenebrosos pesadelos.

Estou longe de querer convencer alguém da ideia de reencarnação. Cada um pode descobrir-se a si mesmo e assumir o que ali encontra. E hoje vejo claramente que não se trata de reencarnação, pois esse construto ilusório não é o nosso tema propriamente dito. O foco central é a própria mente. É ela que vivencia ambas as faces da medalha no seu caminho evolutivo: a condição de ofensor e a de vítima. O tema principal desse processo de aprendizado sinaliza a prática do amor recíproco, impregnando a alma

com a essência do amor puro e incondicional por meio do processo de perdão, para retornar sem medo ao espírito do amor universal – DEUS.

Portanto, faça bem em aceitar e utilizar para o meu despertar o próprio destino e o destino de todas as outras pessoas com as quais me relaciono e nas quais me espelho. Aquilo que reconheci em Margarete e com ela vivenciei, era eu mesmo, traçando o meu próprio passado pelo qual cabia a mim assumir responsabilidade. Tudo aquilo apenas espelhava o conflito original único: o meu (nosso) *não* ao AMOR. O treinamento mental de UCEM descreve esse conflito original (dissociado) que esquecemos, referindo-se à primeira parte do sonho:

Quanto estás disposto a escapar dos efeitos de todos os sonhos que o mundo jamais teve? É teu desejo que nenhum sonho apareça como a causa daquilo que fazes? Então, vamos simplesmente olhar para o início do sonho, pois a parte que tu vês não é senão a segunda parte, cuja causa está na primeira. **Ninguém que esteja dormindo e sonhando no mundo se lembra de seu ataque a si mesmo.** Ninguém acredita que houve, de fato, um tempo em que ele nada conhecia de um corpo e nunca teria concebido esse mundo como algo real. Ele imediatamente teria visto que essas ideias são *uma única* ilusão, ridículas demais para qualquer coisa exceto o riso que as despede. Como elas parecem sérias agora! E ninguém é capaz de se lembrar do tempo em que teriam sido recebidas com riso e descrença. Podemos nos lembrar disso, se apenas olharmos diretamente para o que as causou. Então veremos justificativas para o riso, e não uma causa para o medo.

(Um Curso em Milagres: Texto Manual de Professores: 27.VIII.5:1-10 / **Negrito** do autor)

O texto acima indaga sobre a causa que nos conduziu para o sonhar. No entanto, não podemos nos lembrar dessa causa, pois ninguém se lembra do seu ataque a si mesmo. Deparamo-nos aqui com o véu do total esquecimento, da amnésia. É este o grande truque do ego (a ideia de separação), para nos manter presos no sonho. O nosso ataque imaginário a Deus não passou de um ataque a nós mesmos: a nós, o FILHO de DEUS uno. E esquecemos esse acontecimento, não conseguimos lembrá-lo, mas continuamos a sentir as ondas de choque provocada por esse evento traumático.

Eis os importantes saberes de UCEM: ao levar a sério a ideia de separação, caímos num estado traumático e acreditamos ter perpetrado um ataque a DEUS. Ficamos impedidos de reconhecer que é impossível ferir DEUS e que não podemos estar separados DELE. Nesse sentido fomos nós mesmos o alvo desse ataque ao acreditar na separação de DEUS. E o conflito da culpa passou a atormentar a mente do FILHO de DEUS uno. Para amenizar essa pressão da culpa, o ego criou a possibilidade da dissociação, da cisão que gerou uma região inconsciente da mente sonhadora. Mas essa cisão também não foi uma solução duradoura. A culpa reprimida criou uma pressão à qual era preciso dar vazão.

Dessa maneira a pressão da culpa deu origem à ilusão dos corpos, para confirmar a separação e principalmente para poder projetar culpa em “outros”. Consumia-se assim a queda do MUNDO ESPIRITUAL para o mundo dos corpos. A ilusão de espaço (corpos) e de tempo estava instalada na nossa mente. Todos nós pensamos e sentimos “em



Projetamos as nossas representações corpóreas até no céu, por não termos acesso à abstração do

corpos”, e até imaginamos o além, o céu ou o MUNDO ESPIRITUAL como um plano que contém corpos. Nesse sentido é só assim que podemos acreditar em reencarnação, da mesma forma que acreditamos no nosso corpo. Sem corpos o conceito de reencarnação não faz sentido. Mas como na verdade não há espaço nem tempo e portanto nem corpo no ESPÍRITO PURO, tudo isso não passa de um *sonho*, no qual nada REAL acontece.

Consideremos os sonhos que por vezes nos atormentam durante a noite: tudo parece absolutamente real: vemos pessoas ou animais ameaçadores, que querem nos matar, corremos pelas nossas vidas. Vivenciamos dor e também prazer, prazer sexual que até pode se manifestar no corpo, de modo que de repente acordamos. Mas de fato nada aconteceu, pois estávamos deitados na cama o tempo todo sem nada fazer. Não fomos mortos e não assassinamos ninguém e também não traímos o nosso parceiro. Vemos aí muito nitidamente: sempre medimos o grau de realidade pela nossa vivência *corporal*. Consideramo-nos um *corpo* e insistimos nessa interpretação, e, de fato, nem sequer nos damos conta de que atribuímos tanta importância ao corpo. Partindo das percepções sensoriais supomos ser assim mesmo e não reconhecemos como a ilusão do corpo se confirma a si mesmo por meio de órgãos de sentido ilusórios. Tudo parece lógico e coerente e ainda assim é insano. Um sistema de pensamento pode ser lógico e ainda assim irreal. Sabemos do início e do fim do nosso corpo e não queremos olhar atrás das cortinas desse engodo. Aqui só se pode falar de ignorância: a maioria das pessoas não quer saber qual é a peça teatral que realmente está sendo encenada. Shakespeare o definia com frequência: *Muito Barulho por Nada – A Comédia dos Erros – Como Gostais – Como Quiseres*.

UCEM fala de uma ideia insana diminuta, a ideia de separação, que parecia surgir, sendo obliterada imediatamente, já que representa uma impossibilidade em vista da TOTALIDADE de DEUS. Nessa ideia insana, que o FILHO de DEUS levou a sério, foram sonhados todos os sonhos, foram vividas todas as vidas – mas face à ETERNIDADE nada aconteceu. Todos esses sonhos, o mundo inteiro, o nosso cosmo, tudo isso nunca existiu. Essa compreensão, uma vez disseminada na nossa mente, é capaz de gerar um desconforto, e oscilamos entre medo e paz. Porque uma parte nossa quer este mundo e aceitou a oferta do ego (a ideia de separação). Participamos e tivemos de pagar amargamente o preço da culpa, do medo e do ódio. Outra parte nossa tem uma lembrança muito tênue da PAZ, que não é desse mundo louco. É o chamado que nos é enviado, para que transcendamos o mundo com todos os seus horrores e despertemos de todos os sonhos. Só que fica a pergunta: queremos nós isso – quero eu isso?



Pintura a óleo de Johann Heinrich Füssli: Tormenta noturna (1802). O pesadelo da alma: ameaça e perigo mortal como experiência real na mente sonhadora. Quem é o sonhador, quem constrói o sonho?

Uma encarnação vivida sem impulsos essenciais de perdão e cura conduz a tensão e medo após a morte física. As experiências de quase-morte narradas por muitas pessoas do mundo todo transmite, de modo geral, apenas uma primeira impressão da beleza da luz espiritual que nos aguarda. Mas existe uma grande diferença entre poder ver essa luz somente à distância, podendo eu retornar ao corpo pela reanimação, ou desprender-me inteiramente do corpo, ingressando nessa luz e permitindo que ela atue em mim. A morte consumada representa uma cisão que abala profundamente. Nesse momento, é hora de desapegar-se da encarnação que passou e entregar-se ao processo de cura da eternidade.

Por via de regra, é esse o momento em que se ativa no espírito o conflito de culpa não solucionado. Surge o medo, porque a LUZ ESPIRITUAL é simplesmente grande e

bela demais e as próprias representações e desejos ilusórios ainda dominam a mente de forma poderosa. E assim, essa pessoa se refugia em novos sonhos, numa encarnação subsequente, para não ter de suportar a dor do erro. Encarnação sucede a encarnação, sonho sucede a sonho, e por via de regra, a pessoa não toma consciência do fato de que é ela mesma a encenadora do sonho. Acredita que o sonho lhe acontece, porque se considera a marionete atuando no palco. O ser humano sonhador não reconhece o poder de decisão próprio à sua mente: é ela a manipuladora dos bonecos, que aciona os fios ou gera as imagens na tela. Os seus desejos e temores criam o espetáculo, projetam um filme numa tela vazia. Sem o seu *querer* o sonho não toma forma.

Contemplemos um criminoso que se esquivou da condenação suicidando-se: Heinrich Himmler, dirigente-chefe da corporação SS (Serviço Nacional de Segurança) e chefe da polícia alemã durante o domínio dos nazistas. Foi um dos principais responsáveis pelo holocausto, pelo genocídio dos Roma e por numerosos outros crimes. Aqui, no âmbito da nossa experiência no mundo, não tenho a intenção de negar que crimes hediondos de todos os tipos tenham sido



Foto nº 8: Heinrich Himmler em visita ao campo de concentração de Dachau em 8 de maio de 1936



Hieronymus Bosch:
Ascent of the Blessed (Ascensão dos Bem Aventurados).
A alma viaja para a luz

cometidos repetidamente no decorrer da história da humanidade. A história da humanidade é uma história de derramamento de sangue, de sofrimento de uma crueldade extrema. Todos nós confiamos nos nossos órgãos de percepção e também nem temos escolha, nesse patamar subjetivo de vivência, senão acreditar num mundo lá fora. Os acontecimentos surgem e vão embora, pessoas nascem, vivem e morrem, tornam-se vítimas e ofensores. E no final, nada resta, todos esses corpos

apodrecem. Para onde porém vai a alma – a mente? Se quisermos pesquisar a mente, é preciso permitir todas as perguntas: o quanto é real a dita realidade (o nosso mundo)? De onde viemos, para onde vamos? Onde se encontra hoje Heinrich Himmler, ou melhor, o ser espiritual que projetou esse personagem? O que todos nós temos a ver, no sentido coletivo espiritual, com Himmler ou com a sua mente? Os impulsos egomaniacos, destrutivos, de um Heinrich Himmler não estariam atuando em todos nós também? Não teríamos nós, dadas as condições que o moldaram e a sua posição de poder, agido da mesma maneira? Não deve também essa “parte do grande espírito” retornar para o FILHO de DEUS *uno* que repousa no PAI? Só posso aqui levantar questões através das minhas próprias experiências, e espero com isso estimular processos internos que sirvam à cura de todas as pessoas.



Foto nº 9: O cadáver de Himmler no dia do seu suicídio, 23 de maio de 1945, na sala de interrogatórios do Quartel General do 2º Exército Britânico em Lüneburg

Cabe observar: tudo o que perseguimos nos outros com envolvimento emocional constitui sempre, ao fim e ao cabo, uma questão nossa. A psicologia de Carl Gustav Jung fala da sombra, as partes mal amadas e assustadoras da alma dentro de nós, que dissociamos e a seguir projetamos sobre outras pessoas e que, na pior das hipóteses, nelas perseguimos de maneira sanguinária: não olhamos para a culpa dentro da própria mente, e sim reforçamo-la por meio da projeção sobre outras pessoas. Se a encarássemos, nada encontraríamos, porque nunca houve um ataque a DEUS. Mas esse procedimento representaria uma mudança de plano: abandonar o espelhamento do conflito original no plano das relações humanas – para retornar ao plano do relacionamento com DEUS.

É válido ocupar-se da reencarnação?

Ocupar-se do conceito de vidas pregressas só faz sentido, se os problemas de relacionamento atuais conduzirem a tais questionamentos. Foi o que vivenciei: sentia-me perseguido pelas dificuldades de Margarete e não encontrava a paz junto a ela. Foi o que suscitou a ampliação do questionamento, que excedeu em muito a minha vida como a vinha levando. O conflito explodiu as fronteiras do comum e dificultou a

compreensão de qualquer sentido. Chegar a uma solução só foi possível, para mim, através do conceito da reencarnação. Não há como negar o núcleo de verdade para além desse conceito de sonho das vidas pregressas, e eis aqui o que concluir:

1. Conhecemo-nos, sempre nos encontramos pelo menos “duas vezes”.
2. Somos todos conectados, somos parte da Grande Alma (*Hellinger*), parte do FILHO de DEUS uno, parte do ESPÍRITO de DEUS.
3. Na verdade não há um existir individual, separado de outras pessoas. Existimos todos uns dentro dos outros, o que nos é impossível imaginar no estado de consciência polarizada e de hipnose corpórea.
4. No âmbito dos acontecimentos sonhados somos todos vítimas e ofensores. Esse é o ponto focal do relacionamento de amor e ódio conforme o descreve UCEM: protagonismo ofensor e vitimização alternam-se, para poder espelhar e manifestar o conflito de culpa perante um Deus vingativo e invectivo projetado por nós: o jogo do ego, o drama humano.
5. A história da humanidade é um pesadelo sem sentido de derramamento de sangue, com raras inspirações e espelhamentos da VERDADE que fazem sentido – não mais do que isso.
6. O mundo da ilusão deveria ser aproveitado como sala de aula de aprendizado, para vivenciar libertação e cura através do perdão. Há que reconhecer que nunca estivemos no mundo, que nunca houve um mundo.
7. Somos alma, somos mente. Existe um MUNDO ESPIRITUAL que quer se comunicar conosco, afim de que possamos receber ajuda. Uma real ajuda não pode emergir da matriz onírica e sim somente da REALIDADE do ESPÍRITO. Qualquer pessoa pode vivenciá-la quando a fé e a vontade são orientadas para essa AJUDA.

Quão real é a reencarnação?

Tudo acontece na mente sonhadora – dentro de nós. Externamente nada acontece. A ETERNIDADE não é tocada pelo sonho, ilusões não podem lhe causar dano. Encontramo-nos dentro dessa ETERNIDADE, porém não o percebemos porque queremos sonhar com mundos ilusórios.

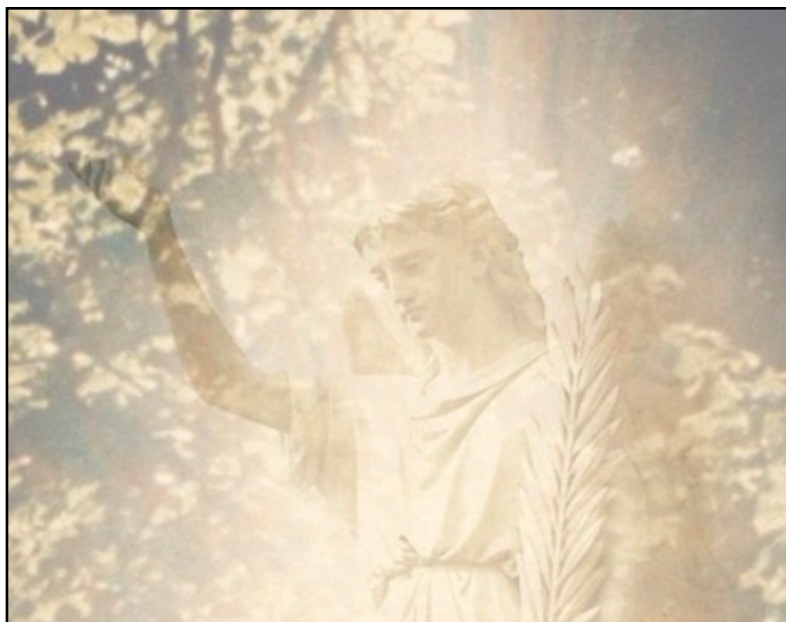
A investigação do passado

Não considero recomendável pesquisar vidas pregressas sob hipnose ou com ajuda de outras técnicas. Tudo o que teve de chegar até a mim em termos de compreensão veio

fácil e nítido em estado de vigília e foi perfeitamente administrável. Atualmente a consciência de muitas pessoas está mais permeável a percepções vindas de outros planos e portanto também a intuições com relação a vidas passadas e conexões cármicas interpessoais. O presente espelha o passado, nos reencontramos para finalmente limpar velhos temas de inveja e vingança através do perdão. Mas no plano espiritual supremo tudo isso são espelhamentos no FILHO de DEUS uno que somos coletivamente. Nesse sentido só enxergo a mim mesmo e faço bem em perdoar a mim mesmo – perdando aparentemente ao outro. O presente é o portal para a cura e a paz – nem o passado, nem o futuro. Ao final de todos os nossos caminhos podemos e devemos desapegar-nos do passado e esquecê-lo, pois tudo não passou de sonho. Esses sonhos legaram-nos identidade e individualidade distinta, porém a um alto preço: concorrência voraz e medo constante tornaram-se a mola propulsora da vida humana. O impulso da guerra ancorou-se na mente.

Por vezes ocupar-se da reencarnação assume níveis de jardim de infância, quando se vivencia plenamente o jogo do “quem-foi-quem-naquele-tempo?” em modo de auto lisonja. Nos “círculos espirituais” distribuem-se rapidamente os papéis e logo ressurgem todos os grandes personagens da história – somente os bons e os justos, é claro -: de Moisés a Maria e José, de Johann Sebastian Bach até o rei Ludovico II da Bavária, reencontramos todos juntos em nobre companhia. Só não participam o agricultor humilde da época da Guerra dos 30 Anos que foi enforcado num carvalho e a doméstica do senhor feudal que foi constantemente estuprada.

O treinamento mental de UCEM recomenda a cooperação com o MUNDO ESPIRITUAL. Eu vivenciei essa ORIENTAÇÃO desde a mais tenra infância: o anjo se comunicava comigo. E ao nível de significado superior anjo não é um ser que está separado de mim e sim a minha essência: o meu verdadeiro SELF. O anjo sou eu também. Isso



não constitui arrogância ou presunção, é antes uma profissão de fé com relação à minha origem: DEUS. Estou NELE e ELE está em mim. Assim “evapora” na minha mente a crença ou o conceito de que sou uma pessoa, um corpo ou uma história. Não sou nada disso, só o fui nos meus sonhos.

A ORIENTAÇÃO espiritual estabeleceu sabiamente o currículo de aprendizagem adequado para o meu despertar. Entrego-me a esse processo de cura. De que serve receber informações excessivas rapidamente demais, se não posso integrá-las de forma saudável e nem suportá-las? Correria perigo de recair na armadilha da projeção e culpar outras pessoas, agredindo-as. É justamente isso que cabe evitar, ao deixarmos a ORIENTAÇÃO por conta do MUNDO do ESPÍRITO. É preciso que despertemos da maneira mais suave possível, entregando-nos a um sistema de treinamento mental e praticando. Trata-se de um direcionamento inequívoco rumo à CURA, ou melhor um símbolo de CURA: o ANJO, JESUS CRISTO, o MUNDO do ESPÍRITO. A culpa dolorosa do passado que se manifesta é contemplada num primeiro passo (a fase do reconhecimento e da compreensão) e no segundo passo aceito o perdão (a fase do desapego). Aquele que chafurda repetidamente no passado, procurando ali, em última análise, somente uma identidade doentia, vai torná-la real na sua mente e perde a chance de CURA. Converte-se em coluna de sal petrificada, tal como a esposa de Ló, que não conseguia desapegar-se da sua antiga vida em Sodoma.



Foto nº 10: A destruição de Sodoma (mosaico).

Ló e os seus fogem, mas a sua esposa é transformada em estátua de sal ao olhar para trás cheia de saudades da sua antiga vida em Sodoma.

No notável documentário *Pizza em Auschwitz*, do cineasta israelense Moshe Zimmermann, um sobrevivente do holocausto de 74 anos, Danny Chanoch, retorna aos locais do passado em companhia do filho Sagi e da filha Miri: a casa onde nasceu, uma vizinha ainda viva, o local da saída dos transportes para os campos de concentração. Ele não consegue largar o passado, é atraído irresistivelmente para o lugar mortífero em Auschwitz-Birkenau, onde foram assassinados os seus pais. Ele manifesta o desejo de passar uma noite com os seus filhos num catre de madeira no seu velho barraco. Eis o que sucede: estão dentro daquele barraco e a tensão torna-se insuportável, os seus filhos querem viver e dizem que é preciso finalmente colocar um ponto final na questão de Auschwitz. Danny Chanoch porém apega-se obstinadamente à sua identidade de vítima e só sabe lamentar-se. A sua filha pede uma pizza na localidade de Auschwitz e oferece um pedaço ao pai deitado no catre. Relutante, ele põe-se a comer – o ambiente cheio de imenso sofrimento e humor negro: *Pizza em Auschwitz*.

Considero *Um Curso em Milagres* uma escola de mistérios. Com o auxílio de 365 lições a mente sonhadora é conduzida suavemente para o despertar, através do princípio do perdão. Perdoamos a nós mesmos e a outros tudo aquilo que nunca aconteceu. O milagre na mente conduz ao perdão: a uma anulação, uma extinção do engano. Na linguagem do curso é essa a chamada EXPIAÇÃO. Nesse momento concordamos com a extinção da ilusão de passado e futuro, porque chegamos no agora eterno. O CÉU é sempre agora. Finalizando, contemplemos mais uma passagem extraída do Manual de Professores:

A ênfase deste curso permanece sempre a mesma: é nesse momento que a salvação completa está sendo oferecida a ti e é nesse momento que podes aceitá-la. Essa ainda é a tua única responsabilidade. A EXPIAÇÃO poderia ser equacionada com o escape total do passado e a total falta de interesse no futuro. **O CÉU está aqui. Não há nenhum outro lugar. O CÉU é agora. Não há outro tempo.** Nenhum ensinamento que não conduza a isso concerne aos professores de DEUS. Todas as crenças apontarão para isso, se forem corretamente interpretadas. Nesse sentido pode-se dizer que a sua verdade está na utilidade que tem Todas as crenças que conduzem ao progresso devem ser honradas. Esse é o único critério que esse curso requer. Nada mais do que isso é necessário.

(UCEM: Manual de Professores: 24.6:1-13 / **Negrito** do autor)

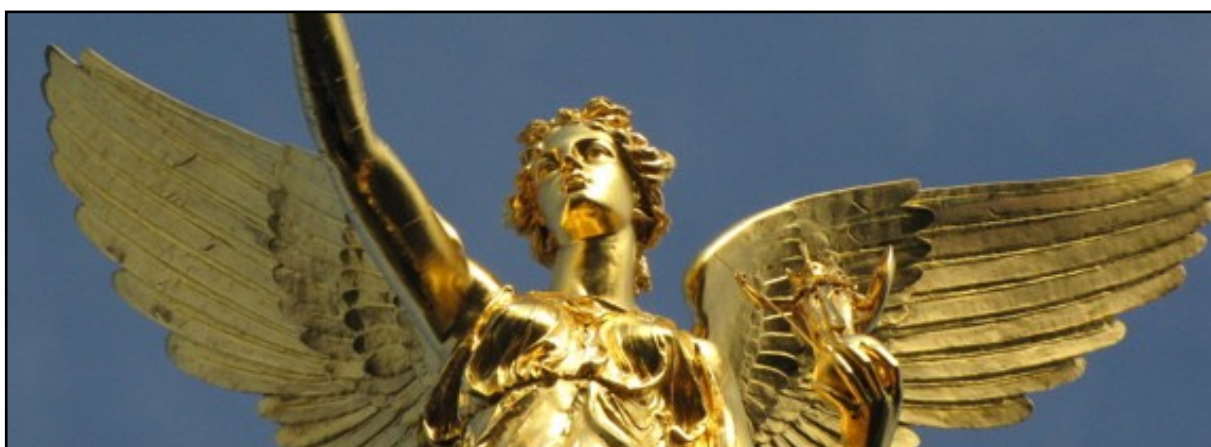
Reencarnação – um conceito

Ao final das nossas considerações, trata-se de despedir-se de todos os sonhos para chegar à REALIDADE da MENTE. Reencarnação como conceito também serviu então para fazer os nossos sonhos parecerem reais. Todas as histórias com todos os seus atores não passaram de imagens da nossa mente (coletivamente) sonhadora. Pode-se considera-las encerradas? Ainda tem importância? Continuo querendo atribuir significado a esses sonhos? Continuo querendo dirigir a minha ambição e o meu anseio para algo que nunca poderá me nutrir, que nunca me trará a paz? São essas as derradeiras perguntas antes da nossa viagem rumo à REALIDADE.

Orientar-se para essa viagem é proveitoso e facilita a despedida das ilusões. Não é preciso mais do que a faculdade de um bom senso comum: o corpo tem início e fim, morreremos. Aqui neste mundo nada de eterno se conquista e se garante. Tudo está sujeito à impermanência, tudo se desfaz ao final: todos os tesouros artísticos do mundo, a própria Terra, e mesmo o cosmo inteiro continua sendo uma história de desintegração.

No mundo da ilusão sempre se encena uma única peça: o drama da separação, a ópera do pecado, da culpa, do medo e do ódio. Aqui cantamos a canção do desespero e

podemos decidir por aquietar-nos e orientar o espírito para a ETERNIDADE intocável. É o que almejam todos os treinamentos mentais sérios que se encontram aqui à nossa disposição. *Um Curso em Milagres* é um deles – entre muitos outros. Não se trata jamais de salvar este mundo, porque não há como salvar ilusões e porque o problema não está no mundo e sim na nossa mente sonhadora. Mas a maior parte das pessoas ainda luta contra essa perspectiva de visão e sonha com utopias a serem impreterivelmente implementadas politicamente. O mundo é uma sala de aula para o despertar, e nesse sentido permaneço aqui (aparentemente) mais um pouco fazendo a minha parte pelo grande Todo (espiritual). Quando cada ser humano se esforça pela sua cura espiritual, o “tempo de miséria” com certeza será abreviado. Continuo. Não há mais a fazer, mas tampouco menos.



Finalizando, resumo nas minhas palavras a visão do treinamento mental, comprimida em 53 pontos:

1. DEUS é.
2. DEUS é ESPÍRITO – AMOR – e somente isso.
3. DEUS, o AMOR, só pode “estender” AMOR.
4. DEUS é a CAUSA UNA, a FONTE UNA – nada existe além disso. Não há vida fora de DEUS, fora do CÉU.
5. Palavras são símbolos de símbolos: PAI, FILHO e ESPÍRITO SANTO são metáforas para o SER inefável.
6. Ainda que eu talvez não saiba *o que* sou, tenho certeza *que* sou. Não posso dizer “não sou”.
7. Sou mente da MENTE DE DEUS. Sou SEU FILHO por toda a eternidade.
8. A VONTADE de DEUS para o SEU FILHO é somente isso: PAZ e BEM-AVENTURANÇA.

9. Ideias não abandonam a sua fonte. Não há separação do SER em dentro e fora. Não existe um “lá-fora” lá fora.
10. Como DEUS, sou investido de força criadora.
11. Essa força criadora expressa-se no pensar, o qual manifesta *ou* AMOR, *ou* culpa, medo e ódio.
12. Pensar sempre está fundamentado numa decisão: *ou* pelo AMOR *ou* pela ilusão, o sonho do mundo.
13. O meu poder efetivo está na minha capacidade decisória.
14. Como notoriamente acredito na realidade do mundo, acredito na ideia da separação, da cisão, e sofro.
15. Por isso criei um corpo para mim, para fazer com que a ideia de separação pareça real, e acredito perceber outros corpos ou seja, pessoas, separadas de mim.
16. O mundo físico material é uma ilusão, um sonho, que *aparentemente* surgiu na mente um dia, que subsiste por um período de tempo e que vai tornar a extinguir-se – que na verdade já se esvaneceu há muito tempo.
17. Eu criei o meu mundo, ele está construído sobre a decisão surgida da minha convicção de que ele é real. Quero vivenciá-lo como sendo real, apesar de que eu poderia saber que ele não é real.
18. Todas as causas daquilo que nos sucede no mundo ilusório estão na mente sonhadora do FILHO DE DEUS. O mundo com todos os corpos é apenas efeito.
19. Somente ao reconhecer que a mente é a causa de tudo o que me acontece, posso fazer mudanças na minha mente – pedir a cura da minha mente – para então vivenciar um outro mundo, redimido, até que por fim este também desaparece e retorno para o CÉU, o ESPÍRITO PURO.
20. REAL é só aquilo que não surge nem passa – aquilo, portanto, que é eterno e imutável.
21. O mundo ilusório está fundado na ideia de separação e manifesta-se então no tempo e no espaço. Tudo isso não tem nada a ver com a REALIDADE de DEUS.
22. A liberdade decisória só existe num aspecto: escolho o AMOR, a ESSÊNCIA de DEUS, ou culpa, medo e ódio, a essência do ego, da ilusão.
23. O ego como parte da *mente fragmentada* (*ego, SELF e aquele que toma as decisões*) contem dentro dele somente a crença na separação.

24. Corpos são feitos para fazer a separação parecer real e para ocultar a culpa que acompanha a separação: poder projetá-la em outros corpos.

25. O ESPÍRITO SANTO está sempre presente, porque sou mente da MENTE de DEUS. ELE só pode estender AMOR e assim dissipar na luz o sonho do mundo com todos os seus equívocos.

26. Ilusão permanece ilusão, não importa se ela parece ser pequena ou grande, ou moralmente muito condenável ou menos condenável. Não existe hierarquia de ilusões.

27. Ilusões são equívocos, e são abolidas pelo perdão. Perdão significa cura da minha mente e constitui a chave do despertar.

28. Quando nego ser, na verdade, ESPÍRITO puro, acredito na ilusão do ego e do corpo. Na verdade sou uma ideia de DEUS. A negação da VERDADE não é pecado e sim erro.

29. As dádivas do ego são individualidade e particularidade, as quais se baseiam na ideia de separação. Para poder diferenciar-me e destacar-me de outras pessoas, tenho de separar-me delas.

30. Individualidade e particularidade sempre conduzem a alguma forma de competição e assim, à guerra.

31. Tudo o que me sucede neste mundo que aparentemente existe, brota necessariamente de uma decisão tomada de antemão na minha mente, a partir de uma convicção minha.

32. Não se trata de mudar o mundo, já que não se pode mudar ilusões: ilusões não são nada. Nesse sentido não é possível consertar ou salvar o mundo, só se pode reconhecê-lo como sendo constituído de ilusões, ou engodos. A essa altura elas se dissolvem na mente e perdem o significado.

33. Quando quero provocar alterações no âmbito do mundo ilusório, recorro à magia, que é quase tudo o que fazemos.

34. Não devo buscar a magia, e sim o auxílio do ESPÍRITO SANTO, que sabe curar a minha mente dividida.

35. A minha resposta à magia só pode ser o perdão: perdoo a mim mesmo pela minha crença de querer induzir transformações no mundo ilusório com recursos ilusórios.

36. A crença no pecado, que é o que sinaliza a ideia de separação, como expressão do ataque à UNIDADE do AMOR, conduz fatalmente à experiência de culpa. É esse *o problema mental* de todos os sonhadores, o que vale dizer, de todos os seres humanos.

37. Quando acredito na minha culpa, tenho de agir pela magia e criar mundos ilusórios como defesa contra o peso intolerável da minha culpa: busco sempre um substituto para o amor de Deus e envolvo-me em relacionamentos especiais de amor e de ódio.

38. A totalidade do mundo ilusório está fundamentada na crença na realidade da culpa.

39. Se escolhemos o ego, acreditamos na culpa, porque nesse caso consideramos real o ataque à UNIDADE de DEUS por meio do pensamento de separação e passamos a temer a vingança de Deus (um Deus vingativo, *projetado* por nós!).

40. A culpa é um estado mental insuportável e tem de ser projetado sobre outras pessoas sob formas que chegam do aborrecimento até o ódio. É essa a raiz de todas as guerras dentro do mundo.

41. Como me condeno a mim mesmo (isto é, acredito na realidade da minha culpa), fatalmente tenho de condenar outras pessoas. Esse processo contém dentro dele a projeção da minha culpa.

42. É só quando deixo de me condenar que também não preciso mais condenar outras pessoas. À LUZ da REALIDADE somos todos inocentes.

43. O ESPÍRITO SANTO pode reinterpretar todas as coisas do mundo ilusório e utilizá-las para o SEU propósito – o AMOR. Isso porém pressupõe que eu decida permitir que ELE atue na minha mente.

44. No mundo ilusório de espaço e tempo, quando o ESPÍRITO SANTO ou quando o ego assumiram a orientação dentro de mim, fazem-no em 100%. Portanto, movo-me sempre alternando somente entre essas duas vozes: ESPÍRITO SANTO e ego.

45. O ego acredita na existência de um substituto para o AMOR: corpos, comida, sexo, esporte, parcerias, carros, casas, viagens, artes, filosofia, política... – relacionamentos especiais de amor e ódio.

46. Trata-se de retornar à MENTE eterna, ou seja, de compreender que nunca A abandonei.

47. É esse o milagre da salvação: a percepção consciente de que sou FILHO de DEUS e que NELE repouso eternamente. Sou sem culpa, assim como todos os outros. Somos todos o FILHO de DEUS *UNO*, o CRISTO.

48. A salvação não é uma realização teórica e sim prática. E ela se inicia com muitos passos de perdão, enquanto acredito habitar um corpo e a ele (ainda) me apego.

49. Não tenho de atacar nada, porque fortaleço na minha mente aquilo que ataco e quero eliminar e assim o torno real para mim.

50. Tudo o que dou a outras pessoas, estarei na verdade dando a mim mesmo.

51. A morte é um símbolo do nosso temor de DEUS, do AMOR. Ela é nada. Sou imortal, porque sou espírito do ESPÍRITO de DEUS.

52. Só existe VIDA, só existe AMOR. É essa a VERDADE de DEUS.

Dizemos “DEUS é”,
E então deixamos de falar,
Pois nesse conhecimento as palavras são sem significado.

(UCEM: Livro de exercícios-169.5:4)

O lobo das estepes

Sonhava

Com um lobo dentro de mim
Impelindo-me inquieto e voraz

Sempre pilhando

Na busca da felicidade de muitos mundos

Que ele havia imaginado.

Dele adquiri aqueles mundos

A um preço elevado:

Que a ele pertenceria a minha alma,
que através de mim poderia ele viver
e que eu não escaparia jamais
da roda da vida e da morte.

Foi quando reconheci

a minha decisão

que me enredou no prazer e na dor
através de milênios.

Eu havia participado

e sentia agora

o absurdo daquela caçada insaciável.

Foi esse o início do despertar

de todos os sonhos.

Sobre o autor

Reinhard Lier, nascido em 1960, naturopata, professor de treinamento mental e constelação familiar, autor. Casado em segundas núpcias; pai de dois filhos, avô de cinco netos. Oriundo de uma família de farmacêuticos (Baixa Saxônia/Alemanha), vive na Suíça desde 2009. A constelação familiar vinculada ao treinamento mental de *Um Curso em Milagres* constitui o foco do seu trabalho. Mais informações no site www.spiritual-mind-training.org

Websites of Reinhard Lier

www.geistesschulung.eu

www.lierbuch.eu (free books of R. Lier in English and other languages)

www.spiritual-mind-training.org (English website)

Reinhard Lier (autor)

Thalerstr. 49c

9410 Heiden

[Suíça /Switzerland](#)

info@lier.de / 0041-71-888 08 04

Translation /Tradução:

Lucia Ehlers

Santa Cruz Cabrália

Brasilien

Versão digital gratuita portuguesa 2018

Permissão para copiar para uso privado e não comercial!

Digital free version of 2018

Permission to copy for private, non-commercial use!

Fontes

Primeira Parte:

Todas as fotos de pinturas a óleo com os seus títulos representam as obras de Reinhard Lier, salvo indicação contrária. Todas as fotos pessoais de Reinhard Lier e as fotos na América são propriedade de Reinhard Lier.

Página 13: “Pintando”, fotógrafo: francês (Jaques?) da região de Perpignan/outono de 1980

Foto-autorretrato por via de regra feitas com uso de auto disparador

Página 26 – Página 27, 2 obras de arte de Reinhard Lier: Vida na Rússia 1-2

Citações de *Um Curso em Milagres em língua portuguesa*: Um Curso em Milagres, edição completa dos três tomos em um volume. Traduzido por Lillian Salles de Oliveira Paes. Tradução autorizada da terceira impressão (fevereiro de 1993) da segunda edição americana. Copyright © 1994 da edição em língua portuguesa, Foundation for Inner Peace (Fundação para a Paz Interior). ISBN 1-883360-00-5. Título da edição original: A Course in Miracles/Foundation for “A Course in Miracles”, Temecula, CA, EUA; citações sinalizadas como: UCEM, Texto / Manual de Professores / Livro de Exercícios nas indicações detalhadas.

Gráficos página 34 e 38: Reinhard Lier

Segunda parte

Demais fotos de Reinhard Lier:

Página 43: Pintura a óleo, Louvre, Paris

Página 51: Anjo da paz de Munique

Foto nº 1, Página 35: Sigmund Freud, idealizador da psicanálise, fuma um charuto. Data: 1922; Source: This image comes from the Google-hosted LIFE Photo Archive where it is available under the filename e45a47b1b422cca3. Author: Max Halberstadt

Foto nº 2: União Soviética – guerrilheiros enforcados (após o 21 de janeiro de 1943). Em segundo plano soldados alemães e população civil; PK 666; fotógrafo: Koch; instituição: Bundesarchiv (Arquivo Nacional); número de inventário: figura 101I-031-2436-05A

Foto nº 3: Norte da Rússia. – Fuzilamento de guerrilheiros; PK 694; setembro de 1941; fotógrafo: Thiede; Bundesarchiv (Arquivo Nacional); figura 101I-212-0221-06; File Date/Time: 11:09, 9 December 2008

Foto nº 4: Prisioneiros subnutridos, quase mortos de fome pela escassez de alimentos, posam no campo de concentração de Ebensee, Áustria. Consta que o campo teria sido utilizado para experimentos “científicos”. Foi libertado pela 80ª Divisão. Data: 7 de maio de 1945; fonte: this media is available in the holdings of the National Archives

and Records Administration, cataloged under the ARC Identifier (National Archives Identifier) 531271. Autor: Samuelson, Lt.A.E.; autorização: National Archives; versão de 01:18, 30 de dezembro de 2006

Foto nº 5: German Gestapo agents arrested after the liberation of Liège, Belgium, are herded together in a cell in the citadel of Liège; data: circa October 1944; fonte: NARA National Archives and Records Administration; autor: Signal Corps Photographs of American Military Activity; autorização: no restrictions; versão: 23:09, 25 de abril de 2007

Foto nº 6 /Página 44: Pintura a óleo de Johann Heinrich Füssli; título: Tormenta noturna; data: 1802; veículo: óleo sobre tela; Current location: Freies Deutsches Hochstift, Goethemuseum, Frankfurt am Main; Source/Photographer: The Yorck Project: 10.000 Meisterwerke der Malerei. DVD-ROM, 2002. ISBN 3936122202. Distributed by DIRECTMEDIA Publishing GmbH. Current: 17:14, 27 February 2007; User: Rainer Zenz

Foto nº 7/Página 45: Hieronymus Bosch (aprox. 1450-1516); Title: Ascento of The Blessed; date: between circa 1490 and circa 1516; Medium: oil on panel; Dimensions: Height: 86,5 cm; Width: 39,5 cm; Source Photographer: art database; Other versions: File: Ascent of the Blessed.jpg/Version from www.wga.hu

Foto nº 8: Heinrich Himmler visita o campo de concentração de Dachau em 8 de maio de 1936; fotógrafo: Friedrich Franz Bauer; instituição: Sammlung Berlin Document Center (fig. 152-11-12/CC-BY-SA)

Foto nº 9: Heinrich Himmler (1900-1945): the body of Heinrich Himmler lying on the floor of British 2nd Army HQ after his suicide on 23 May 1945. Author: Sutton L (Sgt): No 5 Army Film & Photographic Unit; Post-Work: User: W.wolny. Source: This is photograph BU6738 from the collections of Imperial War Museums.

Foto nº 10: A destruição de Sodoma (mosaico); Italiano: Lot transformata in statua di sale di fronte a Sodoma inflamme. Mosaico nella cattedrale de Monreale a Palermo (secolo XII); data: século 12, 1. Febr. 2005 (original upload date) Source: Transferred from de.wikipedia, transferred to Commons by User: Jutta234 using CommonsHelper. Author: Original uploader was Lysis at de.wikipedia; This image is in the public domain due to its age.